

«Toda a mentira é mais crível quanto maior for»,

Joseph Goebbels

APRESENTAÇÃO

Apesar de todos os constrangimentos com que nos deparámos na escolha do tema para a Tese de Mestrado, por um lado, o facto de não ser inovador, e por outro lado, o peso sombrio que ele acarreta – a II Guerra Mundial, não perdeu nem perde o fascínio dos acontecimentos narrado através de quem viveu momentos inesquecíveis e que ainda hoje permanecem na memória de alguns dos seus conterrâneos, embora jovens à data dos acontecimentos e que lhes deixou indeléveis marcas de vivências únicas na memória. A influência de Joseph Goebbels na Propaganda Nazi em Portugal na II Guerra Mundial está vertida na mímica de algumas técnicas utilizadas e na criação de estruturas idênticas às estruturas do regime nazi. Necessitámos, para o efeito, de conhecer melhor a figura que deu corpo à Propaganda Nazi – Joseph Goebbels – orador brilhante, comediante assumido, cínico, homem de política, cruel, vingativo e sem escrúpulos eis com se poderia descrever este homem. A orquestração que faz da Imprensa de alta tiragem, a sua utilização da Rádio, das actualidades cinematográficas, as grandes manifestações, com a espectacularização das intervenções, levaram ao ânimo e electrização do povo, permitindo-lhe controlar as massas, granjeando-lhe a si, a Adolf Hitler e ao partido Nacional-Socialista (NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), a ascensão ao poder. Para que melhor pudéssemos compreender esta figura proeminente do III Reich, facilitou-nos a tarefa uma leitura aos seus diários, através de uma compilação feita por Ralf Georg Reuth¹, ajudando-nos a preencher os espaços que eram deixados em branco noutras publicações e dando-nos a conhecer melhor as características de personalidade da

¹ Ralf Georg Reuth (1952-) estudou História e Alemão; foi o correspondente chefe do *Welt am Sonntag* (cf. a versão on-line: <http://www.welt.de/>) e autor de algumas obras como *Rommel. End of a legend* e *Hitler. Political Biography*. Na sua obra *Goebbels*, onde ensaia uma biografia de Joseph Goebbels através de uma compilação dos seus diários, pesquisando em arquivos, recolhendo testemunhos de sobreviventes e tendo acesso a informação tornada disponível recentemente, oriunda da Alemanha de Leste e da Rússia.

figura. Porém, será através da propaganda subvencionada directa ou indirectamente que melhor se reconhecem os traços da propaganda. A profusão de panfletos, livros, revistas, imprensa e outras publicações avulsas que se difundem em Portugal, são prova da importância que o nosso país tem quer para o Eixo, quer para os Aliados. A prova que se nos afigura possível, à falta de um documento genuíno que comprove directamente o título, vai-se consubstanciando por deduções lógicas suportadas por factos que nos conduzem a evidências, suportadas pela bibliografia existente sobre o tema, pelas publicações circulantes, e, pela documentação que levantámos relativa aos telegramas trocados entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal e o Ministro Plenipotenciário colocado na Legação de Portugal, em Berlim, neste período – o 2.º Conde de Tovar (Pedro Tovar de Lemos), não dispensando também a consulta, para efeitos comparativos, da troca de telegramas de outras delegações. Da leitura que fizemos à troca de telegramas emitidos da Legação de Portugal em Berlim, pelos vários elementos que nela tomaram parte, deparámo-nos com um postura extremamente profissional, do 2.º Conde de Tovar, não apondo directamente as suas convicções políticas, na correspondência emitida – o nível profissional a que chegara não lho permitiria sem passar incólume pelo crivo do Governo Português². Analisámos também telegramas emitidos por outras individualidades, dentro da mesma Legação de modo a poder detectar alguns traços de parcialidade relativamente às partes beligerantes. As publicações circulantes em Portugal, como *Sinal*, *A Esfera*, *O Espelho de Berlim*, *A Guerra Ilustrada* e, até certo ponto, a revista de *Defesa Nacional*³, dão-nos uma ideia

² Pedro Tovar de Lemos, contemporâneo dos acontecimentos que “vitimaram” Aristides de Sousa Mendes Amaral e Abranches que levou a 7.ª Repartição da Direcção Geral de Contabilidade Pública do Ministério dos Negócios Estrangeiros a congelar-lhe o vencimento, castigo aplicado por desobediência à determinação do Ministro dos Negócios Estrangeiros em que este não concedesse mais vistos, pois colocaria o Governo numa situação delicada face à Alemanha, levantando-lhe dificuldades na justificação da neutralidade portuguesa, estava ciente de quão escrupuloso era o Estado Português no cumprimento rigoroso de ordens emitidas, especialmente aquelas que eram emanadas do responsável máximo dentro da cadeia hierárquica. Cf. A.C.M.F. – Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Correspondência trocada entre Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches e a DGCP – solicitando um pagamento mais célere das despesas efectuadas, por conta de representações em nome do Estado Português, <http://www.sgmf.pt/Infogestnet/Default.asp?Pesquisa=49>, 320 fts.

³ Esta revista, de publicação mensal, é patrocinada pelo Secretariado da Propaganda Nacional e é dirigida por José Soares de Oliveira, o seu proprietário, sendo o Chefe dos Serviços de Propaganda e Editor, Humberto Delgado. A revista é composta e impressa na Sociedade Astória. É uma publicação que versa assuntos de carácter militar, onde aborda aqui e ali, assuntos pertinentes a aspectos militares de operações e opções levadas a cabo pelos participantes no conflito que deflagrou em 1939.

nítida do panorama da propaganda e do modo como se desenvolvem os seus argumentos e as suas táticas. No caso de *A Esfera*, revista dirigida inicialmente por Álvaro Maia e, após a sua prematura morte, por Félix Correia, nota-se o entusiasmo com que o Dr. Alfredo Pimenta denodadamente defende os participantes da aliança do Eixo. É curioso constatar que, à medida que o tempo passa e a vitória se começa a desenhar claramente no horizonte para os Aliados, o Dr. Alfredo Pimenta, desvia estrategicamente as suas atenções, indo-as pousar quase exclusivamente naquele que é o inimigo comum da Liberdade – o perigo vermelho que vem de Leste. É também nesta publicação que veiculam alguns artigos de opinião do Visconde do Porto da Cruz⁴, assumido germanófilo. São raras as opiniões isentas, claras e objectivas, expurgadas de qualquer influência ou inclinação por uma das partes beligerantes. No entanto, a neutralidade colaborante⁵, como apodam alguns autores a política externa levada a cabo por Oliveira Salazar, seria fruto de opções que visavam satisfazer todas

⁴ Alfredo António de Castro Teles Meneses de Vasconcelos de Bettencourt de Freitas Branco, nascido no Funchal a 1 de Janeiro de 1890, onde veio a falecer a 28 de Fevereiro de 1962, filho de Luís Vicente de Freitas Branco e de Ana Augusta de Castro Leal Freitas Branco, fez a sua instrução liceal no Funchal e chegou a frequentar a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, não chegando porém a terminá-lo, pois foi obrigado a frequentar a formação de oficiais milicianos. Frequentou a Escola de Guerra e fez mais tarde o Curso Superior das Alfândegas. Monárquico por formação, integralista por convicção, participou nas incursões *couceiristas* de 1911-1912 exilando-se de seguida até 1914. Fez parte do Centro Monárquico e da Junta Central do Integralismo Lusitano da Madeira, apoiou o Golpe das Espadas e a Ditadura de Pimenta de Castro, colaborando então no semanário monárquico madeirense *O Realista* que mais tarde, em 1917, dirigido e editado por si, seria o órgão do Integralismo na Madeira. Em Janeiro de 1917, juntamente com outros camaradas, organizou, na Madeira, o Integralismo Lusitano e faz parte da sua comissão instaladora. Apoiou a revolução feita por Sidónio Pais. Em 1928, já Visconde do Porto da Cruz, título atribuído por mercê de D. Manuel II, no exílio, em Abril de 1921, escreve uma obra sobre o consulado de Sidónio Pais, Paixão e Morte de Sidónio. Com a morte de Sidónio envolveu-se na constituição das Juntas Militares que visavam a restauração da monarquia, sendo destituído do Exército. Depois do Pacto de Paris (1922), aderiu ao movimento da Acção Realista Portuguesa, lançado pelo Dr. Alfredo Pimenta. Participou activamente no movimento militar de 28 de Maio de 1926. Em 1927, regressou à Madeira e publica n' *O Jornal* onde continua a defender os ideais integralistas. Grande admirador do fascismo adere ao movimento Nacional-Sindicalista, de Rolão Preto, em 1933. Era conhecido o seu anti-semitismo, em artigos escritos na revista *Acção Realista*, dirigida pelo também madeirense Ernesto Gonçalves. Durante a II Guerra Mundial, esteve em Berlim ao serviço da Alemanha onde proferiu várias palestras ao microfone da Emissora de Berlim sob o título: "Pontos nos iis". Foi director da "Revista Portuguesa" e colaborou nos periódicos "Diário da Manhã", "Diário de Notícias", "Brotéria", "Arqueologia e História" e "Das Artes e da História da Madeira", para citar alguns. Publicou muitos folhetos e volumes de temática política. Cf. Visconde de Porto da Cruz, *Notas & comentários para a história literária da Madeira* / Visconde do Porto da Cruz. Funchal: Câmara Municipal, 1950. 3.º vol.: 3.º Período - 1910-1952, 334 pp., pp. 332-334.

⁵ Cf. *Portugal e a guerra: neutralidade colaborante* / Luís Teixeira. [s.l.: s.n.], 1944 (Lisboa: Tip. Emp. Nacional de Publicidade), 30 pp., pp. 13-15.

as partes interessadas no conflito, para melhor preservar os interesses da Nação e poupá-la aos horrores da guerra. Em relação às fontes, citamos Ian Kershaw que sintetiza as dificuldades de apreensão da complexidade e subsequente selecção de bibliografia, em relação ao Nazismo: «The extent of the literature on Nazis is so vast that even experts have difficulty in coping. And it is clear to see that students specializing in modern German history are frequently unable to assimilate the complex historiography of Nazism and to follow interpretational controversies carried out for most part in pages of German scholarly journals or in scholarly in monographs.»⁶.

⁶ Cf. Ian Kershaw, *The Nazi Dictatorship: Problems & Perspectives of Interpretation*. 4th ed., London: Arnold, 2000, 304 pp., p. 3.

Parte I

1.1 – O Regime Nazi

O Regime Nazi foi um sistema totalitário, que entrou em vigor de 1933 a 1945 na Alemanha e no império formado pelas nações por ela conquistadas. Sob a liderança de Adolf Hitler (1889-1945), o III Reich impôs um partido único (Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores) e a ideologia do nazismo. O nome do III Reich designa um terceiro momento histórico na existência da Alemanha Nazi – vem na sequência do Sacro Império Romano-Germânico, o I Reich, seguido do Império Alemão (1871-1918), o II Reich. O partido Nazi, que nunca chegou a extinguir oficialmente a República de Weimar, instaurada em 1919, procurou combinar os símbolos tradicionais da Alemanha com os seus próprios símbolos, num claro esforço para reforçar a ideia de unidade entre os seus ideais e os da Alemanha. O regime Nazi assenta num nivelamento social onde ninguém está acima de ninguém. Só o Führer está acima de tudo, como líder. Dir-se-ia que existem líderes naturais e seguidores naturais, como advogaria em relação à educação – os professores são líderes naturais e os alunos os seus naturais seguidores. O regime Nazi é um regime assente na ordem e na disciplina. Será justo então confundir o Partido Nacional-socialista com o regime Nazi? Pensamos que não. Adolf Hitler afirma que o partido Nacional-Socialista é o partido dos trabalhadores alemães. O regime Nazi assenta a sua base na premissa de quatro pontos importantes de um total de vinte e dois:

1. A unificação de todos os alemães numa grande Alemanha (o *Anschluss* que adicionou a Áustria à Alemanha, bem como os alemães Sudetas, populações germanófonas que habitavam a Boémia e a Morávia, em território checoslovaco), apoiados no direito à autodeterminação dos povos;

2. A demanda na equidade de tratamento em relação a outras nações bem como a revogação dos tratados de paz de Versalhes e da Santa Alemanha;
3. A demanda de terra e de território para o sustento do seu povo e, colonização por parte do povo excedentário;
4. Apenas um membro da raça pode ser um cidadão – um membro da raça apenas pode ser aquele que tenha sangue alemão, sem consideração de credo.

No último ponto (vinte e dois), pedem a abolição de tropas mercenárias e a formação de um Exército Nacional. O sistema totalitário em vigor na Alemanha acabou por diluir o Partido no Estado, como parece ser compreensível, pois ele ascende ao poder numa situação de fragilidade mas vai-se firmando ao eliminar a maioria dos seus inimigos. O partido acaba por funcionar como um instrumento de auxílio do poder embora este apenas esteja consignado às elites. É um partido de massas dirigido por um pequeno grupo de homens, coadjuvado com a sua polícia secreta.

Como se chega ao regime Nazi? A grande depressão de 1929, o desemprego maciço que se lhe segue, a par da grande humilhação que constituiu o Tratado de Versalhes⁷ leva a que se congregue um factor de unidade em torno de uma Alemanha sofredora e injustiçada, levando a que o povo dê o seu apoio aos partidos socialistas. Apoiado pelo exército, não tivesse ele sido já um combatente, Adolf Hitler aceita a Chancelaria da Alemanha, em Janeiro de 1933. Um novo passo seria dado em direcção à prossecução dos seus planos, com a dissolução do Reichstag, em 1 de Fevereiro, de 1933, decretada por Paul Von Hindenburg, na impossibilidade de formar um Governo viável. O incêndio perpetrado contra o Reichstag conduz a um período de

⁷ Esta humilhação não se verifica só com o povo alemão. Também o povo japonês, nos momentos que antecedem a publicação da rendição, pensa que não podem sobreviver com honra a uma capitulação com condições vergonhosas. Isto é atestado pelo Ministro Plenipotenciário da Legação de Portugal em Tóquio, no telegrama n.º 88/4640, expedido a 21 de Agosto de 1945 e que diz o seguinte: «88 – Para quem conhece psicologia êste povo proclamação aliada convidando Japão render-se incondicionalmente condescenderão ser ignorada. [...]». Também no telegrama n.º 66/3303, de 15 de Junho de 1945 fazem alusão ao género japonês: «[...] Com a destrição centros produção insucessos militares em tôda a parte a êste país só falta admitir realidade derrota, o que não faz devida conhecidas características raça.». Cf. A.H.D.M.N.E., 2.º Piso, Armário 47, Maço 108.

perseguições e aniquilações dos inimigos do Partido Comunista. Este acontecimento é o prelúdio de uma cassação de direitos, garantias e liberdades, com a argumentação de que está em causa a segurança do Estado. Após a sua morte, em 1934, leva a que Adolf Hitler ocupe a presidência e tenha um poder executivo único.

Hitler, figura primordial associada ao nazismo, ainda suscita controvérsia entre os peritos de política externa alemã. Hitler seria um visionário ideológico com “programa” para perpetrar as agressões que o seu regime levou a cabo ou apenas “um mero oportunista” sem princípios? Essas questões são esgrimidas com fervor por Trevor-Roper⁸ e A. J. P. Taylor⁹, dois historiadores e peritos na política externa alemã que, situados em pontos de vista antagónicos, discutem acerca do facto de Hitler ser ou não um homem de ideias. A. J. P. Trevor é um dos primeiros historiadores a deduzir que os traços fundamentais de continuidade e coerência nas ideias de Hitler levam-no a tomá-lo a sério relativamente ao facto de ele ser um homem com ideias que, embora repulsivas, eram ideias novas e rompiam com os limites tradicionais instituídos.

A ponderação que o distanciamento dos acontecimentos da época fornece, leva a que a interpretação e explicação acerca do Regime Nazi se alicercem numa opinião não polarizada. Assim como se há-de aferir em relação a Joseph Goebbels, o mesmo se passa em relação a outro tipo de informações, nomeadamente aquele pertinente ao regime do III Reich, pois houve muitos arquivos que retornaram à Alemanha tornando possível aos historiadores complementarem os seus conhecimentos, disponibilizando

⁸ Hugh Redwald Trevor-Roper, Barão de Glanton (15/01/1914-26/01/2003), formado em Clássicas e História Moderna pela Universidade de Oxford, serviu na II Guerra Mundial como oficial do SIS (Secret Intelligence Service), na Secção V – Espanha e Portugal. O governo britânico deu instruções a Hugh Trevor-Roper para investigar as causas da morte de Hitler, o que mais tarde (1947) originaria o livro *The Last Days of Hitler* onde conta os últimos 10 dias do Führer. Cf. **Hugh Trevor-Roper**. (6 de Dezembro de 2007: últ. rev.). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 3 de Janeiro de 2008, de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Hugh_Trevor-Roper&oldid=176081574 e também **Trevor-Roper, Hugh, Baron Dacre of Glanton**. (2008: últ. rev.). In *Encyclopædia Britannica*. Acedido a 1 de Janeiro, 2008, de Encyclopædia Britannica Online: <http://www.britannica.com/eb/article-9073325>.

⁹ Alan John Percivale Taylor (25/03/1906-07/09/1990) foi um renomado historiador do século XX. Durante a II Guerra Mundial, serviu como *British Home Guard* ou *Local Defense Volunteers* como eram vulgarmente conhecidos, funcionavam como uma defesa de segunda linha que em caso de invasão, actuariam em conjunção com os militares; muitos deles não estavam aptos para o serviço militar regular, sendo usual já terem ultrapassado a idade regulamentar. Cf. A. J. P. Taylor. (3 de Janeiro de 2008: últ. rev.). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 5 de Janeiro, 2008, de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=A._J._P._Taylor&oldid=181931262 e também **Taylor, A.J.P.**, (2008: últ. rev.). In *Encyclopædia Britannica*. Acedido a 5 de Janeiro, 2008, de Encyclopædia Britannica Online: <http://www.britannica.com/eb/article-9071456>.

novas interpretações dos factos, por um lado e, por outro lado, trazendo a lume novos factos. A queda do muro de Berlim (1989) e a desagregação da União Soviética levam a que muitos arquivos e documentos retornem à Alemanha. A Stasi¹⁰ estava na posse de muitos documentos desaparecidos quando a Rússia ocupou a parte Leste da Alemanha. Por outro lado, países satélite da União Soviética, por questões muitas vezes relacionadas com a simples sobrevivência, levam a que algumas pessoas, detentoras quer por apropriação, quer pelo facto de ocuparem no “antigo regime”, posições privilegiadas com acesso a informação classificada, a desfazerem-se dos seus “bens”, pelo estipêndio certo¹¹. O III Reich apenas durou 12 anos ao invés dos 1000 anos que lhe estavam destinados. Mesmo assim, desses 12 anos, 6 foram passados em guerra. Houve muitas mudanças a nível social e a sua cadência foi bastante rápida – destruição massiva, deslocação forçada de populações, mobilização e desmobilização de homens, mulheres e crianças, expectativas para o pós-guerra, para além das feridas que ficaram abertas com a brutalidade de uma guerra total.

¹⁰ Stasi - *Ministerium für Staatssicherheit* era a polícia secreta e organização de informações da ex-República Democrática Alemã, com sede em Berlim Leste. A *MfS* foi fundada a 8 de Fevereiro de 1950. De inspiração soviética, tinha membros de denodada lealdade que garantiam a monitorização do comportamento político dos seus concidadãos. Ficaram conhecidos como tendo recorrido à tortura e intimidação para fazer mudar a opinião aos dissidentes. Havia cerca de um agente para cada sete pessoas. Quando os civis começaram a ter acesso a informação classificada, tal facto veio fazer com que descobrissem familiares envolvidos com a polícia política. Isto, claro está, feridas profundas que ainda não se encontram totalmente saradas. Esta organização caiu com a reunificação das Alemanhas que teve início na Revolução Pacífica de Outubro de 1989 que provocou a queda do Muro de Berlim. Toda a documentação secreta que não foi destruída pelos oficiais da *Stasi* foi recuperada por uma comissão de cidadãos, constituída para o efeito com carácter de urgência. A documentação que conseguiu ser salva, ficou a cargo da Repartição da Comissão Federal para a Preservação dos Registos do Ministério da Segurança de Estado da ex-República Democrática Alemã. Cf Stasi. (28 de Dezembro de 2007: últ. rev.). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 3 de Janeiro, 2008, de <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Stasi&oldid=180555483>.

Já Ralf Georg Reuth refere, na sua biografia de Goebbels que os diários de Goebbels tinham ido parar às mãos da *Stasi* que tentou capitalizar, como diz, sobre os documentos históricos, quer fosse para desacreditar as instituições escolares da Alemanha Ocidental, quer para obter moeda ocidental corrente. Cf. Ralf George Reuth, *Goebbels / Ralf Georg Reuth*. Transl. from the German by Krishna Winston, New York, San Diego, London: Harcourt Brace & Company, [copy. 1993], 471 pp., il., p. 2.

¹¹ Cf. Ralf Georg Reuth, *Goebbels*. Transl. from the German by Kristina Winston, New York; San Diego; London: Harcourt Brace & Company, [s.d.], 471 pp., pp. 2-3.

2.1 – A Propaganda na II Guerra Mundial

A Propaganda é classificada, consensualmente entre vários autores conceituados como Alejandro Quintero e Oliver Thomson, como propaganda negra, propaganda cinzenta e propaganda branca.

A propaganda negra, devastadora no seu efeito, publica material falso, através de uma fonte dissimulada, apresentando-se como legítimo representante do lado oposto. Este tipo de propaganda é usada para vilipendiar, embaraçar e desvirtuar o inimigo¹². A propaganda cinzenta fica a meio caminho dos dois extremos, a propaganda negra e a propaganda branca, mantendo pouco clara a origem das suas fontes. Em oposto, a propaganda branca assume de forma clara a sua origem emissora. A propaganda negra pode ser usada através da reutilização da propaganda do inimigo, distorcendo-lhe o seu sentido. Este método revela-se poderoso quanto maior for o desconhecimento por parte do destinatário, da língua na qual é redigida a propaganda, sendo de cariz provocatório, conduzindo à sua contestação, geralmente através de comícios.

A propaganda foi usada quer pelos Aliados, quer pelo bloco do Eixo¹³; de um lado temos a Grã-Bretanha e os Estados Unidos e por outro lado temos a Alemanha e o Japão. Do lado da Grã-Bretanha, foi criado em 1941 o *PWE (Political Warfare Executive – Executivo Político de Estado de Guerra)*. Foi um corpo britânico clandestino que reportava ao *Foreign Office* e era usado para disseminar propaganda branca e negra com o intuito de minar a moral do inimigo e, ao mesmo tempo,

¹² Ao nível das comunicações diplomáticas, há conhecimento destas práticas: «[...] Rádio alemã emissão esta noite anunciou como se fôsse notícia de Roma que nas suas conversas naquela cidade não serão estranhas questões Gibraltar. [...]». Cf. A.H.D.M.N.E., Telegrama n.º 149, recebido da Legação de Portugal em Berlim, a 30 de Setembro de 1940, 3.º Piso, 8.º Armário, Maço 3. Cf. tb. Anexo A, Ilustração 1.

¹³ Os alemães não se coibiram de, sempre que podiam, tentar acicatar a velha Aliança Inglesa com Portugal: «Permito-me destacar a correspondência publicada no “Hannoverscher Anzeiger”, atribuída ao seu correspondente em Lisboa. Nela se diz em especial que “o interesse do Estado impõe aos governantes portugueses que, ao mesmo tempo que observam toda a cortezia no respeito de laços de amizade com a Inglaterra que já ha muito não são considerados honrosos nem sequer sempre desejáveis, mantenham fora do litigio o povo que lhes foi confiado. Portugal já tem bastante que sofrer com a guerra provocada pelo seu “protector”.». Este artigo seria atribuído a um correspondente alemão que, segundo julgavam, era correspondente em simultâneo para vários jornais. Cf. A.H.D.M.N.E., doc. n.º 137, enviado da Legação de Portugal em Berlim, emitido a 9 de Março de 1940, por Veiga Simões, 3.º Piso, 8.º Armário, 3.º Maço. Cf. tb. Anexo A, Ilustração 2.

fortalecer a moral dos países ocupados. A *British Broadcast Telecom* estava envolvida na operação. Os Estados Unidos utilizaram intensamente um documento a que os historiadores classificam de uma falsificação – o *Tanaka Memorial*, fornecido pelo Primeiro-Ministro Tanaka Giichi em 1927, ao Imperador Hirohito, cujo conteúdo descrevia um plano de conquista do mundo, começando com a conquista pelo Nordeste da China (Manchúria e Mongólia), China, passando pelo estabelecimento de bases no Pacífico e por fim a conquista dos Estados Unidos, o que lhes permitiu arranjar uma justificação para a guerra com o Japão. A Alemanha aproveitou-se do racismo e do anticomunismo europeus. Utilizava emissões como se fossem clandestinas para difundir a sua propaganda negra. Chegou a lançar panfletos sob os céus da Dinamarca, como se de informação britânica se tratasse, difundida pela RAF (*Royal Air Force*). O Japão chegou a lançar panfletos sobre as Filipinas de modo a que estes se revoltassem contra os Norte-Americanos. A notícia que era difundida alertava os Filipinos para o perigo de contágio de doenças venéreas provocado pelos contactos íntimos de oficiais Norte-Americanos com mulheres Filipinas de índole duvidosa. Vão ainda mais longe, dizendo que devido à ocupação japonesa das ilhas, a necessidade e a falta de bens de primeira necessidade, fazia com que as mulheres se colocassem à disposição por coisas triviais.

2.1.1 – Qual o papel da Propaganda Nazi?

A Propaganda Nazi destinava-se à condução do povo, guindado por um novo ideal de beleza e bem-estar físico, para a construção de uma nova e alargada Alemanha. Os trabalhadores deviam sentir-se felizes e realizados, tendo sempre em vista um bem maior – a "Fatherland". A construção de um objectivo comum, através dos *rallies* (comícios) realizados nos diversos *Gaue*¹⁴ levava à multidão carenciada uma nova esperança. A obstinação de Goebbels em controlar todas as vias possíveis de comunicação, leva a que haja uma verdadeira disputa pela subordinação dos meios

¹⁴ *Gau*, o equivalente ao *Shire* Inglês, i.e., condado. No caso português, poder-se-ia assemelhar à Província. É basicamente uma divisão administrativa.

à causa. A radiodifusão era um instrumento muito poderoso e, em breve, houve lugar a uma expurga de todos aqueles que ousavam divergir das linhas mestras concebidas por Goebbels e por Hitler. A Propaganda Nazi assente na incitação, por um lado, de ódios viscerais aos Judeus¹⁵, pois considerava-os responsáveis pela decadência financeira do Reich, agita também o bolchevismo como um inimigo ao qual se devia dar luta sem termo. A propaganda tinha outro efeito perverso – a promoção da eugenia, o que não é de estranhar para quem tem tantos preconceitos “rácicos” – chegam a fazer ver, através de cartazes, o quão injusto é para o trabalhador normal ter que suportar os custos da manutenção “inútil” daqueles que a infelicidade congénita do defeito lhes marcou o destino. Tratava-se claramente de estabelecer uma campanha de um darwinismo social no qual estes seres estavam condenados à partida, ao fracasso. A questão era simples: atalhar-se-ia para a solução mais económica e fácil, indo à raiz do problema, i.e., o extermínio à nascença ou então uma espécie de corredor intra-uterino da morte. O útero da mulher prefigurar-se-ia como uma câmara de gás onde fluiria uma espécie de primo direito do Zyklon B¹⁶. Isto conduziria a um constrangimento psicológico, o facto da futura mãe ser algoz de uma parte provisória e efémera de si própria ao optar por prescindir do direito inalienável à vida. Pode encarar-se, nas devidas proporções a melhoria e o apuramento da “raça” através da eugenia como uma técnica induzida à força onde se faz a selecção dos melhores e dos mais aptos – há que ajudar a evolução das espécies, transformando os milhões de anos que por vezes

¹⁵ Em relação aos Judeus, a sua responsabilidade não se ficava apenas pela área financeira, era mais hedionda, como se pode aferir da afirmação que Wilhelm Reich na sua obra *Psicologia de Massas do Fascismo*: «Só na França reina hoje mais do que nunca um grande entendimento entre as intenções da Bolsa, os judeus que a mantêm e os desígnios de uma política nacional de tendência chauvinista. Mas exactamente neste facto reside um enorme perigo para a Alemanha, e precisamente por este motivo a França é e continuará a ser de longe o inimigo mais temível. *Esse povo que se deixa cada vez mais arrastar para a mistura com a raça negra*, representa, pela sua ligação aos objectivos judeus de hegemonia mundial, um perigo latente para a manutenção da raça branca na Europa. Pois a *contaminação do sangue negro nas margens do Reno*, no coração da Europa, serve tanto a sêde de vingança sádica e perversa desse ancestral inimigo chauvinista do nosso povo como o frio calculismo dos judeus que pensam iniciar desse modo o abastardamento do continente europeu, no seu centro, e, contagiando a raça branca com uma humanidade inferior, minar as bases de uma existência soberana». (*op. cit.* No autor pp. 704-705: no autor, p. 115).

¹⁶ Zyklon B é um pesticida à base de ácido cianídrico que se julga ter sido utilizado pela primeira vez em Auschwitz-Birkenau, para a eliminação maciça de Judeus. A morte era causada por asfixia. Inicialmente era utilizado para matar piolhos e controlar o tifo. Cf. Zyklon B. (24 de Dezembro de 2007: últ. rev.), *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Acedido a 1 Janeiro, 2008 de http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Zyklon_B&oldid=8719491.

é necessário esperar até que a espécie evolua, abreviando esse compasso de espera e tornando possível realizar essa “experiência” em tempo “útil”, podendo ser observada a olho nu. É claro que para que esta experiência seja bem-sucedida é necessário utilizar um catalisador que vá acelerar a reação daqueles que vão ser descartados por um semelhante seu, liquidando assim a hipótese do livre arbítrio. Havia que controlar a natalidade com “qualidade”. Aproveitando a eliminação da concorrência ideológica, onde são protagonistas sem hipótese, vão desaparecendo comunistas e democratas. Hitler aproveita a oportunidade para limpar as espúrias franjas da humanidade que queria provisória – os franco-maçães, as testemunhas de Jeová, o clero católico dissidente, entre outros párias. Segue-se então a exterminação maciça de indivíduos de etnia cigana e negra. O extermínio dos Judeus tem um papel de destaque, quer na propaganda, quer na contabilização de vítimas. A propaganda nazi é também uma ferramenta de combate ao bolchevismo. O bolchevismo era uma das grandes bandeiras de combate dos Alemães – neste caso, em Portugal, e em especial os germanófilos, deliram com o “papão gigante” que tudo ameaça – conhecido como o perigo vermelho; era uma espécie de “diabo” que personificava todas as maldades do mundo.

2.1.2 – A evolução dos métodos de Propaganda após a I Guerra Mundial

Após a I Guerra Mundial, assistiu-se a um aperfeiçoamento tecnológico que permitiu criar condições ímpares para a disseminação propagandística. A imaginação aliada a técnica e experimentação permitiram que os métodos evoluíssem assim como evoluíam as táticas de defesa e despiste¹⁷. Já revista *A Esfera*, no ano de 1943, nos dá conhecimento do andamento das novidades tecnológicas a par dos cientistas e investigadores que estiveram na base das suas descobertas – na origem de grande

¹⁷ Note-se o refinamento da técnica de defesa e despiste, como nos é relatado pelo Ministro (Tovar) e que consiste no lançamento por parte das aeronaves inglesas de grandes tiras de papel metalizado que pensavam que iriam as ondas hertzianas utilizadas pelos aparelhos reguladores do tiro, tornando quase impossível determinar a altitude e a distância a que se encontrariam os aviões, para fazer pontaria com as baterias antiaéreas. Cf. A.H.D.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 108. Cf. tb. Anexo A, lls. 3-4.

parte dessas invenções estão-lhe associados nomes germânicos. A Rádio conhece uma evolução significativa que é acompanhada pela evolução das técnicas radioelétricas e que encanta as pessoas pelo encurtamento das distâncias que produz, indiciando aquilo que viria a ser mais tarde conhecido como globalização.

2.1.3 – Propaganda Interna e Externa

Antes de prosseguir, convém fazer uma abordagem sucinta a algumas das técnicas mais comumente utilizadas na propaganda:

- **Argumentum ad nauseam** – consiste na repetição de uma ideia-chave até que esta se entranhe (Joseph Goebbels dizia que haviam de se entranhar nas pessoas até elas não poderem resistir mais...) -, este controlo é tanto mais eficaz quanto maior for a exclusividade da entidade emissora;
- **Apelo à autoridade** – consiste no recurso a uma figura proeminente para apoiar uma ideia, argumento ou realizar alguma acção em desenvolvimento;
- **Apelo ao medo** – consiste na procura de apoio a numa ideia, causa ou pessoa, instigando o medo na população – Joseph Goebbels explorou este medo, ao convencer que os Aliados queriam exterminar o povo alemão;
- **Bode expiatório** – Consiste em fazer com que a culpa recaia num indivíduo ou grupo, de modo a que possa ser desviada a atenção do seu autor;
- **Desaprovação** – É uma tática utilizada para desaprovar uma ideia ou acção que entre em conflito com o público-alvo, levando o indivíduo a associar essa ideia ou acção a grupos nos quais não se revê, abandonando a ideia;

- **Efeito dominó** – é uma tática utilizada para reforçar a sensação de pertença a um grupo e, a realização pessoal na mesma;
- **Rotulagem ou estereótipo** – o objectivo desta tática, consiste em provocar um sentimento de repulsa, atribuindo propositadamente a um objecto um significado diferente daquele que realmente tem;
- **Homem comum** – a utilização de pessoas para este tipo de persuasão, faz com que possam ser os outros a aderir, persuadidos pelo senso comum;
- **Palavras virtuosas** – são tiradas do sistema de valores do público-alvo, levando-os a serem mais permeáveis à tentativa de persuasão.

A Propaganda, com o seu carácter persuasor, cria ciladas que, se não forem estudadas e publicitadas no presente, através de uma investigação contínua, a par de uma explicação aos novos e aos mais velhos do seu perigo, fará com que se caia nos seus meandros perversos, não podendo acautelar o futuro com o exemplo do passado. Estão também sob a alçada desta investigação, as técnicas de propaganda religiosa, por vezes aquelas que conduzem com maior facilidade à propagação de cultos perigosos e fanáticos, os quais podem descambar para situações que fiquem fora de controlo. Existe a perigosa mistura de propaganda com fanatismo, levando esta a acções radicais que provoquem um afastamento da matriz inicial pretendida. Este olhar crítico e esclarecido tornará mais consciente a tomada de decisão da adesão ou não a qualquer tipo de movimento religioso. É necessário que, de um modo lato, se proceda ao levantamento da utilização da propaganda nas diversas áreas, de modo a que se possa perceber qual a manipulação de que poderemos vir a ser alvo. Basicamente, a propaganda tenta conduzir a opinião dos seus destinatários, levando-os através da persuasão a atingir os objectivos dos seus emissores ou daqueles que os industriam pretendem atingir. Oliver Thomson ensaia uma síntese que resume a ancestralidade da propaganda: «Como vimos, os homens têm sido manipulados pelos seus irmãos desde o princípio dos tempos»¹⁸. O problema da propaganda é que gora as expectativas que

¹⁸ Oliver Thomson, *Uma História da Propaganda*, [s.l.], [s.e.], 472 pp., p. 444.

nela são postas, não conseguindo a maioria das vezes proporcionar aquilo que promete. A versão da propaganda portuguesa é mais contida, não levando a acções discriminatórias raciais ou de outro tipo. Nada mais verdadeiro do que na contemporaneidade os efeitos perversos da propaganda comercial que glorifica a aparência física e o sucesso mundano, provocando sentimentos de competitividade e de frequente inadequação que, conseguem ser quase tão negativos como aqueles sentimentos que causaram bastantes danos como os dogmas religiosos e a promoção das glórias de guerra. A exploração das glórias de guerra, é um produto para consumo interno que tem como finalidade, tomar o entusiasmo dos jovens para que estes possam aderir, como diz Howard Spring na sua obra *Todos como carneiros* aos desígnios obscuros dos seus emissores. A veiculação de notícias onde, para além das glórias de guerra, descrevem, com alguma ênfase, as operações falhadas dos seus inimigos, a sua crueldade, e o seu aparente desdém pelo inimigo, sendo na grande maioria das vezes a mensagem disseminada com recurso à mentira, permitem que condicionar os espíritos menos avisados. As persuasões têm levado parte da humanidade a cometerem barbáries torpes como o genocídio, os sacrifícios humanos, a guerra, a queima de bruxas, histeria racista, intolerância religiosa e muitas outras formas de comportamento irracional e anti-social. Já a propaganda para consumo externo, é necessário proceder a comparações, realçando a vileza dos opositores em contraponto com a própria “nobreza”. Ambos os lados exploram os factos mais evidentes de modo a causar embaraço e ampliar os efeitos que provocam contradições facilmente identificáveis, pondo a descoberto condutas menos próprias que podem fazer balançar o pendor para um dos lados. No caso português, quando têm conhecimento de que as acções não acompanham as expectativas, como no caso alemão, quer por que a mentira, quando existe se esfuma, quer por que contrariam de tal modo o que já haviam quase instituído como um dogma (os alemães nacional-socialistas são por natureza anticomunistas), vêm com espanto a assinatura de um tratado, situação inimaginável e que contraria tudo aquilo que davam por certo como instituído. Apesar dos meios de comunicação terem evoluído com o tempo, o tipo de imagens e mensagens que nos influenciam, pouco mudaram. Propaganda: «gestão de atitudes colectivas através da manipulação de símbolos significantes». Numa

sociedade cada grupo tenta conseguir que os seus valores sejam legitimados pelos meios de comunicação e influencia a distribuição da riqueza, do poder e do prestígio, controlando os símbolos, os mitos e a informação. Roland Barthes, sintetizou de forma clara a Propaganda como «a miríade de ritos de comunicação que regem as aparências sociais»¹⁹. A pressão de grupo, organizada a partir de uma pessoa ou simplesmente baseada no seu carácter de clã e na competição entre grupos diferentes, pode conseguir uma difusão espantosamente rápida e completa das suas ideias, explorando o sarcasmo, o ridículo, a perseguição, a culpa, a competição pela aprovação e muitas outras formas de obter a anuência a um novo culto ou moda recente. A educação deveria assentar numa educação estruturada de modo a ser isenta ou liberta de propaganda facciosa. Isto não tem acontecido ao longo do tempo, pois, uma das funções da educação visa gerar cidadãos úteis ao Estado, cooperantes e obedientes aos seus parâmetros morais e, capazes de aderir aos seus objectivos corporativos. Os nazis deram especial relevância ao sistema do processo educativo para moldar os jovens, inculcando-lhes valores morais, económicos e políticos desde a infância – em Portugal, eram ministrados os ensinamentos para que se enquadrassem também, à semelhança dos nazis, num quadro de valores que se enquadrassem no espírito difundido pelo Estado Novo, numa submissão como faz notar João Medina na sua obra *Salazar, Hitler e Franco*: «O rapaz, futuro homem, é o *futuro chefe*, por ora levantando-se e, em sinal de respeito, interrompendo a sua leitura do *livro único*, logo que o Pai/Chefe de família entra, regressando do trabalho campestre [...]»²⁰. É uma clara alusão a que o Estado Novo fazia com que se lesse apenas por uma cartilha. O trabalho campestre, nobilitado por um homem cujos ascendentes lhe estavam ligados, encerra no simbolismo da sagrada família instituída na «Lição de Salazar», um papel secundário, promovendo para a mulher o papel de fiel esposa que cuida da casa, provendo as necessidades para todo o agregado familiar. Esta visão idílica era também, em parte, partilhada pela propaganda nazi, embora esta fosse mais abrangente, especialmente em tempo de guerra, onde a mulher tem um papel preponderante,

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 16.

²⁰ João Medina, *Salazar, Hitler e Franco, Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, [s.l.]: Livros Horizonte, [copy: 2000], 296 pp., p. 73.

substituindo-se muitas vezes aos mesteres dos homens, ocupados que estão na arte da guerra. A polivalência das mulheres nazis não tem assim, paralelo possível no papel que ocupam, activamente, na sociedade, apenas comungando do papel de mães. A Instrução Nacional ainda não havia criado a instrução obrigatória mínima abrangente a toda a população em idade escolar embora a Mocidade Portuguesa já se tivesse antecipado, fazendo com que ela se estendesse à população feminina, em 1937. A propaganda é devida, segundo Thomson, em sete pontos: política, religiosa, económica, moral, social, diplomática e militar. A xenofobia e o encorajamento interétnico conduzem perigosamente à lei de Talião onde impera o “olho por olho, dente por dente”.

2.2 – Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda e Integração Étnica

Lendo os vários autores sobre Joseph Goebbels, Ph.D. (*Philosophiæ Doctor*), título do qual se orgulhava, vai-se formando uma ideia acerca das maquinações e tormentos pelos quais passou a peculiar figura franzina, possuidora de um incapacitante *clubfoot*²¹ (pé torto), que o levou a apartar-se do serviço militar nas linhas da frente, mas que não impediu que desse o seu contributo no SMP (Serviço Militar Postal) – gostaria mais de ter feito companhia aos seus irmãos na frente de batalha mas tal não foi possível. De poucos recursos, embora o seu pai fosse um homem em ascensão, no sector fabril, através de laborioso trabalho e dedicação, Joseph Goebbels viveu os primeiros anos da sua vida sob o espectro da falta de dinheiro. Esse aspecto levou-o a tornar-se num aluno brilhante de modo a que pudesse ter algum protagonismo ante os colegas, auxiliando-os através da sua ajuda. No entanto, o tempo era escasso para prover sustento e ascender intelectualmente, facto que o levou durante alguns anos, a depender de subsídios dados através das suas namoradas.

²¹ *Clubfoot* ou *talipes equinovarus* é um defeito de nascença, que consiste num pé torto, torcido para dentro, dá a sensação de andarem com os tornozelos ou apoiados no lado dos pés. É um mal sem cura, com predominância no sexo masculino e cuja taxa de ocorrência se situa na proporção de 1/1000 nados vivos. Cf. Club foot. (29 de Dezembro de 2007: últ. rev.). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 2 de Janeiro de 2008, de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Club_foot&oldid=180751060.

Essa dependência e, a par dela, as influências intelectuais que vai sofrendo, apoiadas na crença de uma conspiração internacional, levam-no a dar ouvidos a quem como ele, odeia o dinheiro e conseqüentemente quem o gera – os Judeus. Chega a comparar no filme *Der Ewige Jude* (“Os Judeus”) a ratos! O “maestro” que orquestrava esta sinfonia infernal e que tinha uns laivos de uma demência vingativa vai precipitar o III Reich, de mãos dadas com outros protagonistas igualmente temíveis, num obscurantismo do qual o povo germânico que levará décadas a recuperar. Joseph Goebbels percorre um caminho sinuoso e difícil até chegar a ministro da Propaganda, eliminando todos aqueles que lhe atravessavam o caminho. A sua ingerência nos outros ministérios causou dissensões por diversas vezes com Hermann Göring. Queria chamar a si todos os assuntos e, ser a figura central, não antes de Hitler, seu ídolo mas de preferência acima de todos os outros. É curioso notar que um regime que tanto luta pelo aperfeiçoamento da “raça” ariana vá aceitar, de braços abertos, um indivíduo que, a passar pelo crivo de um *darwinismo social* ou de uma eugenia, nunca teria chegado a “lume”, sendo remetido para ficar no eterno prelo.

2.2.1 – O Homem e o Líder

Joseph Goebbels tinha uma propensão natural para agradar. Já assim o fizera na sua juventude quando se destacou por se aplicar nas diversas matérias escolares, ajudando depois os colegas e, esperando assim que estes nutrissem por ele alguma simpatia e consideração. Joseph Goebbels tinha um espírito revolucionário e ficou algumas vezes decepcionado com o Führer por este não querer seguir as suas ideias – Adolf Hitler balanceava estes desaguisados com o seu futuro Ministro da Propaganda, condescendendo a montante e refreando-o a jusante. Adolf Hitler sabia bem o que queria e, não queria, com certeza, que o caminho para o poder através da legalidade ficasse comprometido com os repentes do sangue revolucionário deste: «The statment Hitler issued referred to “internal enemies” who sought to incit the movement to engage in “illegal activities”, thereby giving the “enemies of the German struggle for freedom” a

pretext for supressing the party”»²². Tinha um sentido mais prático do que o propagandista. Este, não hesitava em fazer as suas provocações, fomentando e provocando arruaças com o KPD (Kommunistische Partei Deutschland). As táticas empregues por Joseph Goebbels eram muitas vezes decalques das técnicas utilizadas pela Esquerda²³. Era costume digladiarem-se, para além de fisicamente, também através da imprensa – havia dois pólos opostos: dos Nacionais-Socialistas, com o seu *Der Angriff* e do lado dos Comunistas, com o *Die Rote Fahne*. Horst Ludwig Wessel (1907-1930) foi o mote para tal discussão, pois ele tinha sido vítima de um ataque propositado dos Comunistas, a pedido de uma viúva que se queixava da renda que lhe exigiam. Os Comunistas estavam renitentes em conceder a ajuda mas quando a ouviram mencionar um nome que lhes fez vir à memória uma luz, lembraram-se de que esse nome constava de uma lista negra com elementos a abater. Dirigiram-se ao apartamento onde vivia o jovem Nacional-Socialista e, tendo o terreno controlado, Albert Höhler desfere-lhe um tiro, ante o espanto da sua namorada. Com Wessel internado de urgência no hospital, Goebbels viu aqui uma oportunidade para explorar o sucedido, acentuando como pretendia a precariedade do Governo instituído e a sua falta de segurança perante estes crimes. Para sua sorte, o período longo de agonia de Wessel, permitir-lhe ia obter mais dividendos perante a opinião pública, para além de tacitamente lhe legitimar o direito à vingança, o que vem a acontecer com a morte de Wessel. Wessel ficaria como um ícone do espírito de sacrifício e um exemplo a seguir pela juventude hitleriana. Goebbels ainda tinha um obstáculo à sua frente: Otto Strasser (1897-1974) e o seu irmão, Gregor Strasser (1892-1934). Quando finalmente consegue afastá-los do caminho, sendo que Gregor abdica das suas funções e jura lealdade ao Führer, Otto sai do Partido (NSDAP) e funda um outro movimento que não faz mais do que ser um clube de discussão de ideias. As guerras internas prosseguem com algum vigor e cultiva-se o ódio das facções.

²² Cf. Ralf George Reuth, *op. cit.*, p. 130.

²³ «Aware of the usefulness of modern technology, though he lacked the funds to employ it to great extent, he had phonograph records made on which “Brown” slogans were presented against a background of “spine-chilling military songs.” This technique, too, he had borrowed from the Left.». A ideia é difundida em várias passagens. Cf. Ralf Georg Reuth, *Goebbels, op. cit.*, p. 95.

Goebbels ficava por vezes consternado ao constatar a determinação do Führer em querer a qualquer custo atingir os seus objectivos, mesmo que tal significasse a guerra. Gobbels começou a suspeitar que, no início do Verão de 1939, Hitler queria conquistar o “espaço vital” e expandir a Alemanha através de meios menos pacíficos – estaria na eminência de iniciar uma guerra com a Polónia, Grã-Bretanha, França e, aventaria ainda a possibilidade de incluir a União Soviética no seu plano de alargamento territorial. Goebbels, fiel seguidor do Führer, tinha os seus momentos de dúvida, mas acabava sempre convencido de que uma mão divina devia guiar o líder, atribuindo as culpas belicistas a Joachim von Ribbentrop (1893-1946)²⁴. Como é que um regime tão elitista, tão preocupado com o apuramento da “raça”, vai aceitar de bom grado um “não-alemão”, por um lado e, por outro, um autêntico aleijado? Só a determinação de uma dupla, Hitler e Goebbels é que fez com que tivessem conhecido um modo simples de “hipnose” de multidões de forma a arrastá-las para a guerra, da qual saíam devastados e, com a humilhação com que acabaram as duas últimas guerras mundiais.

2.2.2 – Como ascende Joseph Goebbels a Ministro da Propaganda e Integração Étnica?

Não foi fácil a ascensão de Joseph Goebbels ao cargo de Ministro da Propaganda e Integração Étnica. Percorreu um longo caminho até conseguir o cargo com que sonhara. Meticulosamente foi eliminando inimigos que lhe poderiam travar a ascensão. Dentro destes inimigos não se encontravam só bolcheviques. Foi coleccionando ódios e rancores que quando se apanha sentado na cadeira do poder, trata logo de se ir vingando. Por estranho que possa parecer, Adolf Hitler foi-lhe refreando a impetuosidade de modo a que não pudesse colocar em causa a sua

²⁴ Ullrich Friedrich Willy Joachim von Ribbentrop nasceu em Wesel a 30 de Abril de 1893 e morreu por enforcamento, após o veredicto ditado pelo Tribunal de Nuremberg a 16 de Outubro de 1946. Foi ministro das Relações Exteriores da Alemanha entre 1938-1945. Foi embaixador alemão no Reino Unido de 1935 a 1938. Foi um dos protagonistas das negociações do sistema de alianças, acordadas entre os intervenientes do Eixo.

prosecução pela consolidação do poder absoluto. Só quando o entendeu vantajoso para os seus ideais é que libertou totalmente a rédea a Joseph Goebbels. Este, por vezes ficava sentido por não encontrar eco nas suas convicções e anseios por parte do Führer. Goebbels admirava Adolf Hitler e perdoou-lhe muitos pecadinhos, pois, psicologicamente era uma pessoa muito afectada pela insegurança que lhe trazia o facto de ter o pé torto, acrescentando-lhe a esta maleita, uma estatura franzina. Com o tempo, o ódio que nutria pelo desprezo que os outros lhe concediam, transformam-no numa pessoa sedenta de vingança.

3.1 – Veículos de transmissão da Propaganda

O primeiro meio de propaganda têm um carácter directo e como tal, a palavra falada assume especial importância, quando o propagandista se dirige a um indivíduo, a um grupo de indivíduos ou a multidões (os *rallies* ou comícios como aqueles que Joseph Goebbels costumava organizar, através da Alemanha, nos primeiros anos, são um exemplo de como o poder da palavra pode influenciar primeiro e condicionar depois, o estado de espírito dos receptores). A influência leninista que o movimento propagandístico nazi sofreu, levou-os a copiar algumas das suas estruturas organizacionais como a técnica da organização celular. A voz ganha um novo “fôlego” com a rádio²⁵ – a voz ecoa por vários nichos de multidões. Ganha-se, por um lado, pela relação numérica com que se podem alimentar as estatísticas mas, perde-se na

²⁵ Já Lenine afirmara que a rádio, que tanto foi utilizada pelo III Reich, era como um jornal sem papel e sem fronteiras. Joseph Goebbels aproveitaria também a rádio para mais tarde “desculpar” o Führer, propalando que Adolf Hitler teria estado sempre contrário ao acordo com a Rússia bolchevique, tendo estes, desde que assinaram o pacto (assinados os acordos a Agosto e Setembro de 1939), honrado pouco o compromisso quando não tomaram iniciativas que prejudicaram os interesses da Alemanha. Diz Joseph Goebbels que Hitler será a única personalidade na Europa, com a capacidade de defender a cultura europeia do perigo bolchevista. Cf. A.H.D.M.N.E., 2.º piso, 47.º Armário, Maço 107. Cf. tb. Anexo A, IIs. 9-11. A rádio foi criada no plano teórico por James Clerk Maxwell (1831-1879), que previu a existência de ondas electromagnéticas de rádio embora tenha sido depois um físico alemão, Heinrich Rudolf Hertz (1857-1893) a passar da teoria à prática, construindo em 1888 um dispositivo que emitia e recepciona onda electromagnéticas do tipo UHF (Ultra High Frequency), constituído por uma faixa de frequências que vão dos 300 MHz até aos 3 GHz. Cf. Radio. (3 de Janeiro de 2008: últ. rev.). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 5 de Janeiro, 2008, de <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Radio&oldid=181991251>.

objectividade que é conseguida com as formas de persuasão individualizadas. Sem este recurso poderoso, a propaganda no período que abrangemos, seria muito difícil de conceber. É claro que existem diversos meios directos de propaganda como a imagem, os ídolos, a estatuária, a arquitectura, os espectáculos públicos e a música. A imagem foi, à época e permanece até aos nossos dias como mais um dos meios directos de propaganda. Os ídolos, as estátuas e a arquitectura foram utilizados como instrumento de propaganda – a cruz gamada²⁶ é, por exemplo, um símbolo de finalidade exclusivamente propagandística. A imprensa²⁷ veio dar um novo alento à imagem, difundindo-a amplamente e coadjuvando-lhe textos escritos que a reforçam e esclarecem, potenciando-lhe o efeito propagandístico. A juntar-se ao auxílio dos textos escritos temos a fotografia, o cinema e a televisão, sendo esta última mais rara e menos acessível em termos económicos. Os espectáculos públicos são outra forma de transmissão da propaganda e foram muito utilizados pelo regime nazi. Em Portugal também se fez uso desses espectáculos públicos como as paradas militares, os desfiles da Legião Portuguesa e da Mocidade Portuguesa, os saraus de ginástica (F.N.A.T.), entre outros. A música, um dos meios de transmissão que mais desperta os sentimentos e as emoções, foi também ela utilizada como instrumento propagandístico, utilizada com bastante frequência nas emissões da rádio hitleriana. Esta música tinha um efeito catalisador nas mensagens que eram difundidas. Existia quem se digladiasse com a música. No caso alemão, as óperas de Wagner assumiam um papel principal

²⁶ Embora, em termos simbólicos, a bandeira venha primeiro, a cruz gamada tem um significado próprio para Adolf Hitler – na sua obra *Mein Kampf*, diz ser a cruz gamada, um símbolo anti-semita. É interessante a explicação interpretativa que Wilhem Reich faz na sua obra, *Psicologia de Massas do Fascismo*, quer em relação à bandeira nacional, quer em relação à cruz (pp. 113-117); envereda por uma associação sexual à cruz gamada e afirma que esta não é uma novidade do regime nazi mas sim uma apropriação de um símbolo já existente: «A cruz gamada encontra-se pela primeira vez entre semitas, mais concretamente, no pátio dos mirtos do Alhambra de Granada. Herta Heinrich descobriu-a nas ruínas da sinagoga de Edd-Dikke, a leste do Jordão, nas margens do lago de Genesareth.», cf. Wilhelm Reich, 1897-1957, *Psicologia de massas do Fascismo* / Wilhelm Reich, trad. do alemão [a partir da 3.ª ed. corrigida e ampliada] por Maria da Graça Monteiro Macedo. Lisboa: Dom Quixote, imp. 1976, 374 pp., tít. orig.: *Die Massenpsychologie des Faschismus*, p. 116.

²⁷ A imprensa é um meio de divulgação de larga escala, encontrando como limitação apenas os analfabetos e os pobres, sendo que estes últimos muitas vezes apenas contactam com as notícias já com algum atraso, quando as folhas dos jornais se transformam em agasalho. É de notar o papel dado quer à imprensa, quer à rádio para a divulgação de sensacionalismos próprios da época que se vivia: «[...] Bomba atómica continua a dar lugar mais extraordinários comentários imprensa ao mesmo tempo que começa ser revelada enorme amplitude destruição Hiroshima conforme próprio rádio japonês. [...]». Cf. A.H.D.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107. Cf. tb. Anexo A, lls. 12-13.

que fazia com que os ouvintes se sentissem transportar para outra realidade – de preferência nazi. Era instigado assim o sentimento de pertença a uma grandiosidade; os fracos ficavam fortes ao comungarem de tal “gesta”. A publicitação de feitos exemplares cuidadosamente seleccionados, sensacionalismo funcionam também eles como veículo de transmissão, se bem que careçam de auxílio no transporte que pode ser ancorado em qualquer um dos meios de que já falámos. Cai assim a palavra escrita que já não tem o carácter de meio directo de propaganda, salvo quando se trata de correspondência pessoal e é utilizada com esse fito.

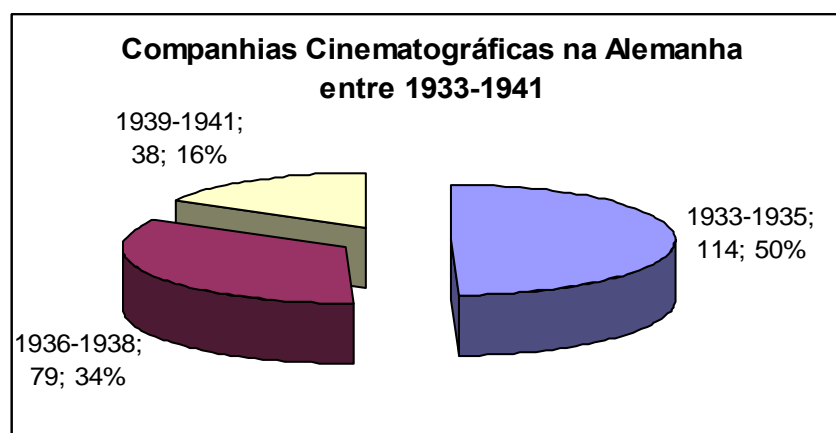
3.2 – Os veículos de transmissão da Propaganda na II Guerra Mundial

Com os avanços tecnológicos, vimos encontrar a radiodifusão como um meio bastante eficaz para a difusão de propaganda, quer dos aliados, quer do bloco do eixo. Mais tarde veio complementar-se a parafernália de ferramentas, como o cinema e, a transição do mudo para o falado, quebrando a monotonia que se tinha com o papel do narrador que, por momentos, interrompia a animação para introduzir o seu discurso. Entendemos que, no caso português, existe a passagem do macro cosmos europeu e norte-americano para a nossa singularidade cuja adaptação é quase sempre feita numa dimensão *lilliputiana*, quer de recursos, quer de técnicas. Em relação ao cinema (a poderosa associação de imagens e som), encontrou eco no sistema de propaganda nazi sendo classificado como uma poderosa ferramenta de propaganda. O interesse de Adolf Hitler e do seu ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, pelos filmes, não resultou apenas do fascínio pessoal que ambos nutriam pela 7.^a arte. A instrumentalização dos filmes para efeitos de propaganda nazi já havia sido planeada pelo NSDAP nos inícios de 1930, tendo sido criado um departamento de filmes. Joseph Goebbels cria, em relação ao cinema e aos filmes um conceito de *glamour* onde por ele escoam as virtudes alemãs, evitando uma clara exposição propagandística nos filmes – deste modo, consegue os seus objectivos: que o povo se distraia e fique com o espírito mais liberto e receptivo para cumprir com agrado o desígnio nacional, ditado pelo Partido. São poucas as películas destinadas à propaganda aberta – esta é veiculada

através de documentários e da venda de jornais. Assim, eram escassos, face ao panorama nacional, os filmes que faziam alusão às políticas nazis. Os filmes produzidos nesse contexto não ultrapassassem mais do que um sexto da produção nacional, sendo esta constituída por filmes de entretenimento divertido. O sistema estava tão limitado que, devido à nacionalização progressiva da produção cinematográfica, chegaram a ponto de criarem uma escola de cineastas que produziria pessoas compatíveis com o regime. Os actores, os cineastas e os distribuidores eram obrigados a pertencer a uma organização profissional sancionada pelo Estado. Instituíram um prémio para o melhor filme nacional. A censura era estabelecida desde logo na fase inicial da produção, não dando muito espaço fugir aos cânones instituídos. O incentivo à produção de filmes politicamente “correctos” deu origem à criação de um banco, que providenciava empréstimos a juros baixos e, os seus realizadores recebiam incentivos fiscais. Em meados dos anos 30 levanta-se um problema importante para a indústria cinematográfica; com a chegada dos Nazis ao poder, muitos actores de valor, assim como produtores abandonam o país, deixando-o entregue ao que restava -, e o que restava era o resultado da depuração de actores e produtores que se não enquadravam dentro das linhas orientadoras do regime e, como tal, eram banidos. Esta situação conduz-nos a uma outra: a saída de elementos de valor da Alemanha, o aumento implícito dos *cachets* exigidos por quem fica, actores e cineastas (a velha lei da oferta e da procura), leva a que os orçamentos de produção aumentem exponencialmente, tornando-se incomportáveis para algumas empresas. Associado a este efeito assiste-se a uma queda da exportação cinematográfica, devido ao boicote internacional que é feito à Alemanha. Estes acontecimentos não deixam de rasto a produção cinematográfica como se poderá pensar; antes sim, deixam-na mais eficaz e implica um esforço muito menor no controlo da produção e na sua censura – continua a servir de forma eficaz os seus propósitos. As produtoras foram centralizadas numa única formando as empresas do Grupo Ufi²⁸. No caso português, Oliveira Salazar resumiria bem a nossa dimensão: «*Vamos abstrair de serviços idênticos noutros países, dos exaltados nacionalismos que os dominam, dos teatrais efeitos a tirar no tablado*

²⁸ O Grupo Ufi resultou da consolidação das empresas Ufa, Terra Film, Tobis, Bavaria Film, Wien Film e Berlim Film.

*internacional. Tratemos pois do nosso caso mezinho»*²⁹ (sic). Embora Portugal não tivesse o pendor que tinham outros regimes totalitários no uso massivo deste precioso recurso, não obstante, haverá ainda alguma filmografia que é produzida, com os filmes cómicos portugueses a encontrarem eco na população em geral, sendo só refreado por António Ferro. A nossa maior empresa cinematográfica – a Tobis, foi criada em Maio de 1932 após um acordo assinado com a Tobis Klangfilm Só em Agosto de 1933 é que viria a alterar a sua designação para Tobis Portuguesa, S.A.R.L. Em Junho de 1933 são iniciadas as filmagens de *A Canção de Lisboa*.



Dados retirados do endereço: http://en.wikipedia.org/wiki/Nazism_and_cinema

Concretizava-se assim a nacionalização da indústria cinematográfica. Havia no entanto uma diferença singular em relação ao sistema adoptado pelo Estalinismo: enquanto o regime financiava a cem por cento a indústria cinematográfica, no Nazismo preservaram o seu financiamento em investidores privados, fazendo assim com que a indústria tivesse que zelar pelos padrões de qualidade que aspirariam às expectativas da audiência. Resolvia dois problemas de uma assentada: controlava a produção cinematográfica e colocava o financiamento na esfera privada. A distribuição dos filmes passa também por idêntico problema, onde se assiste ao que se poderia hoje designar por racionalização de recursos; a Ufa havia adquirido, em 1942, a “Deutsche Filmvertriebs GmbH”, encarregue da distribuição de filmes. Formaram-se para o efeito,

²⁹ Cf. *História de Portugal...* / dirigida por João Medina., *op. cit.*, vol. XVI, p.323.

empresas para a distribuição para o estrangeiro, como é o caso da “[Tobis-]Cinéma Film AG”. Desde a altura da República de Weimar, que os alemães já haviam implementado um sistema educacional com o recurso a filmes de carácter normativo, tendo a administração Nazi colocado à disposição das diversas *Gau*, um serviço de aluguer do qual faziam parte um extenso conjunto de filmes bem como projectores de 16mm, fazendo com que fosse possível uma grande mobilidade entre salas de aula. Os encontros da Juventude Hitleriana também tinham à disposição este recurso³⁰. O visionamento dos filmes foi pensado para chegar a um grande número de pessoas. Embora os teatros não tivessem sido nacionalizados, na exibição de filmes, eram obrigados, pela “Reichsfilmkammer” a incluir um documentário propagandístico, limitando assim a livre iniciativa empresarial. À semelhança do que havia acontecido na queima dos livros, houve também uma proibição em relação ao visionamento de filmes que eram importados do estrangeiro.

Joseph Goebbels quis criar um sistema de estrelato onde promovesse os ideais nacional-socialistas através da exemplaridade de actores e actrizes. Embora tivesse sofrido um “desfalque” de estrelas como Marlene Dietrich e Greta Garbo, que foram para a “concorrência”, i.e., para Hollywood, acabaria por contratar uma actriz sueca Zarah Leander que viria a ser uma das actrizes mais bem pagas. O gabinete de imprensa da Ufa dava orientações aos jornais de como a actriz deveria ser apresentada e, por sua vez, esta tinha que obedecer a um conjunto de instruções

³⁰ O reconhecimento de que esta nova “arma” (cinema) era poderosa e devia ser posta ao serviço da propaganda e da educação, está bem patente nesta passagem d’*O Espelho de Berlim*, revista de propaganda alemã editada em português: «Converteu-se o Cinema, nos nossos dias, num grande meio de propaganda. A Juventude Hitleriana, com directrizes preestabelecidas sôbre êste moderno meio de propaganda, serve-se também do filme, para levar ao conhecimento de todos a sua actividade, a sua vida, etc. [...] esta concordância entre a tese e a arte constitui o ideal dos programas especiais para a Juventude. [...] Uma vez que os produtores se convenceram da necessidade de criar obras propriamente juvenis, mas de autêntico valor artístico, a Juventude Hitleriana procura, por todos os meios, aproximar-se cada vez mais do filme que idealiza ou seja àquêle cujo tema, a Juventude, não seja um episódio ou uma história comovedora, como é usual na produção norte-americana, ou sirva de motivo a diversas teorias e discussões, mas sim que apresente em tóda a sua realidade o mundo material e espiritual dos rapazes e das raparigas do nosso tempo. A Juventude Hitleriana deve pois proporcionar à juventude alemã, dentro da produção corrente, os melhores filmes. A chefia da juventude organizou já, por isso, as «secções cinematográficas para a mocidade», permitindo que num domingo de cada mês, todos os rapazes e raparigas do Reich possam ver, por pouco dinheiro, os filmes mais apropriados, dos programas gerais.», «A Juventude Hitleriana e o Cinema», *O Espelho de Berlim*, n.º 60 de 31 Dezembro de 1941, p. 20.

previamente estabelecidas que antecederiam a sua aparição em público. A fama de que gozavam as estrelas fazia com que altos dirigentes da hierarquia nazi se fizessem acompanhar por elas. Também dispunham de um tratamento diferenciado, como por exemplo, a redução de impostos e, no caso dos homens, chegava até à isenção do serviço militar obrigatório. O sucesso da carreira dos actores e directores estava intimamente associado ao facto de caírem ou não nas boas graças dos responsáveis do regime, havendo uma espécie de escala gradativa que ia do “atribuir o maior número de papéis em múltiplas produções” até ao “não representar sob pretexto algum”. Obliteravam-se assim as oportunidades daqueles que não estivessem de acordo com o regime.

Dos diversos documentários que foram produzidos durante o período do Regime Nazi, há um que se destaca entre os vários, pela sua desumanidade, pelo acicatar de um ódio sem precedentes. Falamos do tristemente célebre *Der Ewige Jude*³¹.

³¹ Enquanto estiver alojado na Internet, poder-se-ão ver breves fragmentos deste filme produzido por Fritz Hippler em 1940, bastando para isso uma pesquisa no endereço <http://www.youtube.com>. Dentro deste endereço, no motor de pesquisa, poder-se-á obter resultados, quer pesquisando com “Der Ewige Jude”, quer com “The Eternal Jew”. Este filme tem como mote o contraste entre o modo de vida dos Arianos, os quais procuram viver de acordo com a estética, têm satisfação no trabalho e na criação de valor que advenha desse trabalho, opondo-se-lhes os Judeus ricos, os quais apenas encontram prazer na obtenção de dinheiro, e vivem em “casas sujas e infestadas de pulgas”, embora tivessem meios para viver em melhores condições. O filme pretende dar uma imagem do povo Judeu como sendo de baixa índole, vis e parasitas, sendo constantemente associados a ratos. O início do filme começa por mostrar um grupo de ratos a emergir de um esgoto, justaposto com uma multidão de Judeus numa rua movimentada. O narrador do filme-documentário explica que, assim como os ratos são os vermes do reino animal, os Judeus são os vermes da raça humana e, espalham, à semelhança dos seus “congêneres” do reino animal, a doença e a corrupção. No entanto, o narrador alerta-nos (e há exemplo disso no filme) que, ao contrário dos ratos, os Judeus têm a inquietante habilidade de mudar a sua aparência e misturarem-se na multidão. Aproveitam para exemplificar a “maldade” judaica, socorrendo-se de personalidades de destaque de entre os Judeus, para de seguida os associarem a acções hediondas, distorcendo-lhes o sentido – vão ainda mais longe, aproveitando a “lavagem cerebral” para denegrir pessoas que não sendo de étnica judaica, lhe tenham viscerais ódios que querem promover junto das massas. Querem passar a ideia de que são os Judeus os responsáveis pelo declínio do Ocidente da música, ciência, arte e comércio. O filme-documentário dá-nos uma visão aviltada e mal interpretada do povo Judeu (no caso deste filme, tratar-se-á do povo Judeu Polaco). Vão ao ponto de achincalhar os hábitos deste povo, culminando com uma referência nada simpática ao *shechitah*, i.e., ao ritual da matança de gado, com o intuito de escandalizar os espectadores e, ao mesmo tempo fazer a associação àquilo que eles seriam capazes de fazer. Este tipo de abordagem terá constituído um choque, pois o povo estava habituado a filmes com *glamour* e, deparam-se com imagens fortes com as quais não estavam habituados.

Parte II

4.1 – Portugal e a Propaganda Nazi

Portugal, de reduzidas dimensões em termos demográficos e de poucos ou paupérrimos recursos económicos, não foi descurado pelas máquinas de propaganda dos elementos principais dos dois grandes blocos³², os Aliados (ingleses³³ num primeiro momento e americanos depois), e o bloco do eixo de onde se destacam os alemães. Portugal assiste a uma mudança de mentalidade e algumas classes e determinados grupos socioprofissionais começaram a tomar consciência daquilo que se passa lá fora e do modo como o panorama internacional pode alterar o curso das suas vidas. A informação que era sujeita a uma triagem forçada pelo regime sofre da pressão da propaganda dos principais intervenientes da II Guerra Mundial. O material de apoio destes dois blocos, começa, a partir de 1939, a circular de forma intempestiva – os alemães tomaram a dianteira, injectando na circulação meios de informação constituídos por jornais, revistas, panfletos, cartazes, folhetos e livros que lhes

³² Não pretendemos aqui subalternizar ou omitir a importância das máquinas da Itália e da França Livre, mas apenas focar nos grandes centros difusores de propaganda.

³³ Como podemos aferir pelo documento constante no Anexo A, ils. 14-16, o interesse inglês na Península Ibérica, insere-se na preocupação crescente que têm com o Mediterrâneo Oriental, levando-os a não descurar a parte Ocidental. Já aqui a Legação Portuguesa tinha conhecimento das maquinacões da propaganda inglesa, não se deixando contaminar pela exploração do recorrente medo de perda da Independência de Portugal. Isto conduz-nos à questão da neutralidade, a qual a Inglaterra punha em causa no que diz respeito à Espanha. A fronteira que manteve Portugal na classificação de país neutro foi sempre muito frágil. Cf. A.H.D.M.N.E., 3.º Piso, Armário 8, Maço 3. Cf. tb. Anexo A, <P4040158.JPG-P4040160.JPG>. Já em relação a estas considerações inglesas cuja ideia “genial” seria consubstanciada numa guerra de guerrilha e diversão, um verdadeiro jogo de “toca-e-foge”, onde «[...] a Inglaterra deveria agora ponderar seriamente um desembarque em Portugal a-fim de forçar ali os alemães a dispendiosas acções [...] Fiel às velhas tradições dos povos piratas medievaes, a Inglaterra visa portanto a desembarcar num ponto do continente, que em devida altura lhe pareça favoravel, a atihar ahi uma guerra, auxiliada por povos estrangeiros e subtrahindo-se ela própria, a tempo, ao contacto do inimigo, fugindo sem deixar de previamente roubar ou destruir as provisões. O que se segue depois é a fome e bloqueio.». Cf. A.H.M.N.E., 3.º Piso, 8.º Armário, Maço 3. Cf. tb. Anexo A, <P4040161.JPG-P4040163.JPG>. Carlos Pinto Ferreira, Encarregado de Negócios de Legação Portuguesa, rematará assim: «Mas os supra-expertos da Inglaterra e dos Estados Unidos não venham, porém, a imaginar que as Nações europeias não serão capazes de aprender absolutamente nada.». Cf. Idem, *ibidem*.

transmitiam uma visão aterradora do outro, do inimigo. Os novos meios que se apresentavam à disposição das máquinas de propaganda – a rádio que ultrapassa fronteiras sem pedir licença e o cinema, têm uma função primordial na tentativa de influenciar as massas. Nada é descurado – o “broadcasting” é feito na língua nativa dos seus destinatários, fazendo com que a “mensagem” fosse ela “negra”, “cinzenta” ou “branca” chegasse a uma população, à data, maioritariamente analfabeta. Este efeito dual do sonoro e do visual constituía a “refeição” intelectual dada às massas – estava estabelecida uma dicotomia poderosíssima. No entanto não eram apenas estes os meios privilegiados. O fluxo de estrangeiros que afluía ao país, quer fosse pelas forças do Eixo ou dos Aliados ou pelo êxodo provocado pela deslocação dos refugiados da recente França ocupada, teve um efeito de transporte que perpassou o controlo directo do regime. O nosso país, com hábitos enraizados no Turismo, assiste a um acréscimo de turistas que o são por força da necessidade. Portugal recebeu muitos refugiados que por aqui ficaram -, muitos outros utilizaram o nosso país apenas como um “porto” seguro³⁴ para transitarem para outros destinos – os E.U.A. foram um dos países de eleição dos refugiados, principalmente os de ascendência judaica. Dos que decidem ficar, disseminam-se por Lisboa e Porto numa primeira fase e depois vão-se espalhando pelo interior e litoral. Chegam também a ocupar lugares turísticos de renome como a Costa do Estoril e Cascais. Estes últimos locais eram predilectos para a instalação de quartéis-generais dos espões. Lisboa acaba por ser um entreposto de espionagem onde se alugam espaços a quem quer que seja a facção beligerante – é a vantagem da neutralidade – finge-se que se acreditam nas desculpas que encapotam as verdadeiras intenções, quando estão travestidas de adidos culturais, através de algum pessoal de embaixadas. Quando nos referimos à difusão sem fronteiras que as ondas hertzianas permitem, num verdadeiro “broadcasting de conquista”, estes não são

³⁴ O cinema imortalizou uma cena destas, através do actor Humphrey Bogart (Rick Blaine) e da actriz Ingrid Bergman (Ilsa Lund), protagonistas da película *hollywoodesca Casablanca*, estreado para o público em geral, em 23 de Janeiro de 1943 para coincidir com a conferência de Casablanca, num encontro de alto nível entre Churchill e Roosevelt. A OWI (United States Office of War Information) chegou a impedir o visionamento por parte das tropas que se encontravam estacionadas no Norte de África para não ofender a susceptibilidade dos apoiantes de Vichy na região. Foi classificado como um filme esplêndido de propaganda contra as forças do Eixo. Cf. Casablanca (film). (2 de Janeiro de 2008). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 6 de Janeiro, 2008, de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Casablanca_%28film%29&oldid=181723585.

desconhecidos do Regime e o seu alcance fica para lá do conteúdo primário em si – dá a conhecer outras realidades que são ocultadas ou dissimuladas. O Regime, neutral, como afirma que é, não quer ofender susceptibilidades por parte das forças beligerantes – o SPN (Secretariado da Propaganda Nacional) e os Serviços de Censura, estão encarregues do controlo, coarctados com as polícias e alfândegas, num registo discreto. A censura, sob a alçada de militares, mantém um controlo efectivo sobre todos os escritos que viram a ser publicados após o veredicto da sua actividade censória que esventra de qualquer conteúdo pernicioso que possa comprometer o Regime. O poder discricionário faz-se sentir de tal maneira que chegam quase ao ponto de criar uma espécie de “Livro de Estilo”, onde constam as directrizes sob a forma de recomendações, onde está detalhadamente tudo aquilo que pretendem que venha a lume, que conheça a luz do dia. Não ficam só por aqui – escolhem elementos condicionados que possam depois manipular e com os quais estabelecem laços de suserania e que leva os suseranos a calar fundo qualquer desinência ou prurido. Esta censura não actua na Propaganda de forma discriminatória uma vez que pesa a tradicional aliança Inglesa que leva a que as opiniões expressas na imprensa portuguesa e não só³⁵ traduzam essa empatia firmada pela história³⁶, pendendo a favor

³⁵ Veja-se o artigo que é publicado n’*O Espelho de Berlim*, onde fazem uma clara alusão ao caso de Timor, incidente já referido pelo nosso M.N.E., acicatando o ódio que poderia um dia, quiçá, minar a “inquebrantável” Aliança Britânica. No entanto não se bastam com este caso e, iniciam um prelúdio de acções premeditadas e malfazejas por parte dos ingleses a vários países da Europa, incluindo o nosso: «[...] Desta maneira perdeu já a Grã-Bretanha as suas possessões na América e não tardará a perder o Canadá. [...] A Austrália que vem apresentando indícios de uma emancipação, espera o momento de se livrar de sua tutela, o mesmo sucedendo com a África do Sul. Para compensar tôdas estas perdas – e em especial as de África – quem poderá dizer que não germina a idéia de uma «oportuna protecção» às colónias portuguesas em África? [...] e não parou aqui a sua fome voraz: também Portugal acaba por sentir os seus efeitos. *O caso de Timor – que fez vibrar de indignação, com razão, Portugal inteiro, que provocou em todos os portugueses a mais viva repulsa – veio pôr às escâncaras as intenções da Grã-Bretanha nesta guerra.* (sic) Neutro, - observando a mais rigorosa e nobre neutralidade – aliado da Grã-Bretanha, Portugal viu a sua soberania violada pelos ingleses que ainda há tempos proclamavam o solene respeito pela sua integridade territorial, «o seu mais antigo aliado e amigo mais fiel» que a Inglaterra, após promessas, públicamente feitas, de demonstrações da mais «leal e sincera» amizade, trata agora de demonstrar o seu «mo». Lançadas prèviamente as atoardas sôbre um pretenso ataque japonês em preparação... nas fábricas da propaganda inglesa, contra Macau e Timor, eis que o Gôverno britânico, «desinteressadamente» e à fôrça procura prestar a sua sempre «valiosa ajuda». E, ao mesmo momento em que o Embaixador da Inglaterra procurava ainda em Lisboa convencer o Gôverno português a aceitar e negociar uma colaboração, já em Timor desembarcavam as fôrças invasoras, subordinadas ao comando britânico de Singapura, lesando assim os mais sagrados direitos de Portugal. Mas a perfídia da «Madre das Moralidades» não conhece limites: deturpando as serenas e nobres palavras do Grande Chefe de Gôverno português, a «Voz de Londres», essa «voz» que «fala e que o

dos aliados. Devido a este favoritismo, a Censura tenta equilibrar a desproporção favorecendo a inclusão de notícias e fotografias do Eixo, compensando assim a parcialidade susserana de Portugal para com a Inglaterra.

4.2 – O 2.º Conde de Tovar – Ministro Plenipotenciário de 1.ª Classe

Pedro Tovar de Lemos assume a Legação Portuguesa em Berlim a 29 de Abril de 1941, enviado a título extraordinário para o efeito. Seria a pessoa mais capaz e disponível para tratar dos assuntos portugueses em tempo de guerra, asertoando a defesa dos melhores interesses face à imposição da neutralidade que se pretendia como assumida, embora fosse “colaborante” para ambos os lados do conflito.

4.2.1 – Quem foi Pedro Tovar de Lemos

Pedro Tovar de Lemos, 2.º Conde de Tovar, nascido em 4 de Janeiro de 1888, licenciou-se em filosofia e letras pela Universidade de Lovaina. Morreu sem deixar descendência, foi uma das figuras que esteve no coração do Reich (Berlim), apanhando o período áureo da guerra. Germanófilo assumido, nunca se lhe percebeu partidarismos nas comunicações que fez com o Estado Português ao serviço deste. A análise que se fez a partir dos documentos enviados de e para a Legação Portuguesa de Berlim deixa antever a situação delicada em que se encontravam os representantes

mundo acredita» [BBC], anunciava ao mundo que, na Assembleia Nacional, o Sr. Doutor Oliveira Salazar havia declarado que «as fôrças ocupantes de Timor se estavam conduzindo de acôrdo com a orientação e os interêsses do Govêrno português!!! Muito pelo contrário»... Não se esqueça a Inglaterra, que na sua marcha luminosa através da História criou Portugal Impérios, levando aos quatro cantos da Terra os benefícios da civilização, espalhando a fé cristã. Ocupando terras vagas onde a civilização não existia ou onde ela por ventura já existisse, Portugal apenas quiz difundir a fé e a civilização, ou estabelecer condições de comércio e permutação de riquezas. Tôda a sua expansão extraterritorial foi realizada com o coração na mão do que com a espada, da qual só se serviu para defender os seus sagrados direitos e a voz da civilização. [...] Portugal soube colonizar, ou melhor, soube «civilizar»; não se arrastou pelos mares como corsário, nem viveu à custa de fazenda alheia, locupletando-se à custa de obra de outrem. Cf. «Um Império Mundial à custa da Europa», *O Espelho de Berlim*, n.º 62 de 28 de Janeiro de 1942, pp. 3-6.

³⁶ Depois aqui e ali contrariada por factos episódicos como a ocupação de Timor-Leste.

de Portugal quase no fim da guerra. Embora as mensagens que eram enviadas fossem cifradas, havia sempre o receio da interpretação que estas podiam ter. A propaganda também se manifestava ao nível diplomático, imiscuindo-se na vida consular, havendo sempre a preocupação do recato a ter e do tacto em relação ao modo como se ia dando cumprimento aos desígnios impostos pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, que dependia do Governo. Não poucas vezes, o próprio Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, dava directamente as suas directrizes ao Ministro Plenipotenciário, sobre a posição portuguesa acerca de alguma questão concreta de carácter mais melindroso ou por uma questão de coerência política e de princípio.

4.2.2 – O Seu percurso na carreira diplomática

Pedro Tovar de Lemos inicia a sua vida diplomática como adido de legação, em 2 de Setembro de 1905, com apenas dezassete anos. A 10 de Setembro é colocado na Legação de Madrid. A 8 de Outubro de 1907 vai para a Direcção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos. A 17 de Novembro de 1910, precedendo concurso, passa a segundo secretário de legação. Vai para a Legação de Viena a 26 de Maio de 1911; é encarregado de negócios efectivo, de 28 de Setembro de 1911 a 5 de Maio de 1912 e interino de 29 de Maio a 23 de Setembro do mesmo ano. Em 31 de Agosto de 1912 é primeiro secretário, na Legação em Londres, ao mesmo tempo que acumula, por diversos períodos, o cargo de encarregado de negócios interino, de 10 de Abril até 1 de Julho de 1913 até 2 de Novembro de 1919. Assina em Londres, em 14 de Junho de 1913, o Acordo entre Portugal e a Grã-Bretanha para regular a administração dos exclusivos de ópio em Macau e Hong-Kong. Passa à disponibilidade, por conveniência de serviço, em 6 de Dezembro de 1919, ficando no quadro auxiliar. Em 25 de Julho de 1933 é chefe de secção do Arquivo e Biblioteca. Passa, em 27 de Julho de 1934 a Ministro Plenipotenciário de 2.^a classe; é chefe da Repartição das Questões Económicas, na mesma data. É enviado para a Paris para a realização de negociações de carácter comercial com o Governo Francês, em 30 de Abril de 1935. É nomeado, em 31 de Dezembro de 1935, presidente da delegação metropolitana à I Conferência

Económica do Império Colonial Português, sendo ao mesmo tempo presidente da Comissão de Política Comercial na mesma Conferência. É enviado em a Bruxelas em missão de carácter económico, em 17 de Agosto de 1936. É enviado a Roma com uma missão também de carácter económico e, em 21 de Dezembro de 1936, assina os Acordos económicos entre Portugal e a Itália. É delegado do Ministério dos Negócios Estrangeiros no Conselho Superior da Marinha Mercante, no Conselho do Serviço Técnico Aduaneiro (Comissão Revisora de Pautas), na Junta Consultiva do Porto de Lisboa e no Conselho de Tarifas dos Portos. É nomeado Ministro Plenipotenciário e director geral dos Negócios Económicos e Consulares, em 1 de Janeiro de 1939. A 12 de Dezembro de 1939 é presidente da delegação portuguesa à Comissão mista de comércio luso-espanhol. Recebeu as seguintes condecorações: comendador da Ordem de S. Tiago a Espada; grã-cruz da Ordem da Coroa de Itália; comendador da Ordem de Santo Olavo da Noruega; cavaleiro das Ordens de Carlos III de Espanha, de Afonso XIII de Espanha e do Sol Nascente do Japão³⁷.

4.2.3 – O que presidiu à sua nomeação para a Legação Portuguesa de Berlim, no período de 1941-1945

Do vasto currículo de Pedro Tovar de Lemos, conhecedor de línguas, aliava a sua competência³⁸ à conhecida tendência germanófila³⁹, tornando-o no interlocutor

³⁷ Cf. A.H.M.N.E., Anuário dos Diplomatas, 1945, pp. 94-95.

³⁸ Em relação a esta competência, o Ministro dos Negócios Estrangeiros seria informado pelo responsável da Legação de Portugal em Londres, em 17 de Abril de 1918 do seguinte: «[...] cumpre-me informar que o Snr Tovar tem honrado em toda a sua carreira, a promoção por distinção, que o colocou em Londres. Funcionário muito culto, conhecedor dos assuntos desta Legação, deste meio e desta língua, com brilhantes aptidões, a sua saída desta chancelaria constituiria uma perda que eu muito lamentaria [...]». Cf. AHMNE, pasta de 1918 de Pedro Tovar de Lemos, doc. N.º 20, p. 36.

³⁹ Emitido também da Legação Portuguesa em Londres, sai um telegrama n.º 43, datado de 8-2-1918, com o seguinte teor: «22 – Confidencial e reservado – Referencia telegrama de (Zh)? . 130-4 de fevereiro vejo com sincera que cometti “erro lamentável” admitindo que na grande massa opinião que apoia [ou afora] governo poderia haver “minoría insignificante” com propensão germanófila. Não ignorava que acusação germanophilisma contra todos os elementos que combateram governo transacto fosse principal[mente] arma utilizada para hostilizar actual governo mas parecia-me que produziria aqui melhor effeito admitir taes propensões n’uma “minoría insignificante” monarchica do que negar por completo sua existência entre nós. Mas visto opinião em contrário de VExa farei toda diligencia remediar meu erro negando existência quaesquer propensões germanophilas em Portugal. Oxalá esta affirmação mereça

ideal para ocupar um dos lugares mais complicados de gerir, no coração do monstro da humanidade. Em face da violência oculta do regime nazi, ele tomava conhecimento, pois tinha a condição ímpar de estar no local onde se passavam as coisas e onde se encontrava o centro decisor do III Reich. Chegou a sofrer com os bombardeamentos ingleses, mas nem por isso perdeu a compostura, chegando a solicitar a evacuação do pessoal da Legação Portuguesa de Berlim, a conselho do Ministro dos Negócios Estrangeiros.

4.2.4 – Influências e divulgação

Pedro Tovar de Lemos não deixa transparecer em lado algum nas comunicações feitas para o Estado Português⁴⁰, nenhuma posição facciosa e não isenta. Também é cuidadoso quanto ao modo a como se refere aos Alemães – conhecedor que é dos meandros do jogo de bastidores (ou propaganda) que se passa nestes ambientes. As técnicas de cifragem podem ser violadas e, como tal, podem por em causa as comunicações; então, todo o cuidado é pouco – não se pode ofender o anfitrião com gratuidade (e nem sem ela), pois as linhas que separam o cumprimento do protocolo são ténues e podem ser ultrapassadas de forma bárbara e sem notícia. Pedro Tovar de Lemos, usualmente assina os seus telegramas com “Tovar”. Neles também não emite juízos de valor para além daqueles que vão ao encontro da factologia directa a que tem acesso ou lhe chega. Apesar de ocuparem posições diferentes, com níveis de recato diferenciado, Metzner Leone e Pedro Tovar de Lemos são simpatizantes assumidamente germanófilos. Os serviços de propaganda, mostram,

credito Foreign-Office e condiga com informações dos Representantes de Inglaterra em Portugal e especialmente com relatório missão oficial encarregada descobrir e destruir influência alemã em Portugal.» Assinado «Tovar». Cf. AHDMNE, pasta de 1918 de Pedro Tovar de Lemos, doc. n.º 6, p. 47.

⁴⁰ Ressalva-se aqui a análise feita ao maço 3 do 8.º armário, 3.º piso e aos maços 108 e 109 do 47.º armário, 2.º piso. Aguardou-se ainda pela desclassificação dos maços 17, 70, 81 e 118 que permitiriam estabelecer, entre outras coisas, uma lista de empresas para as quais tinham sido proibidas transacções e quais eram afectas ou simpatizantes de cada uma das facções (Aliados e Eixo).

quando querem agradar uns aos outros, uma coreografia de respeito que evita que as sensibilidades de ambos os lados saiam “beliscadas”⁴¹.

5.1 – Veículos de Propaganda no Portugal de 1939-1945

Os meios de propaganda que Portugal tem ao seu dispor, nos meados do início da II Guerra Mundial, são dos mais modernos na Europa, embora não estejam ao alcance de todos e como tal, a sua difusão é de algum modo limitada. Existem felizmente, para as partes envolvidas no conflito, veículos substitutos ou complementares que fazem chegar aos destinatários a mensagem de forma clara e simples. A propaganda chega também através dos elementos do corpo diplomático espalhado pelo mundo inteiro. Mesmo a beirar o fim da guerra, existe um episódio que causou algum desconforto ao Governo Português e que ficou registado pela comunicação feita ao Estado Português, em 30 de Maio de 1945, através de mala diplomática (n.º 123), emanada da Embaixada de Portugal em Washington, pela mão do embaixador Dr. João António de Bianchi (1.º Visconde de Valle Paraíso)⁴², onde alerta para o descontentamento expresso na imprensa americana, assim como na imprensa portuguesa, como é o caso do “Diário de Notícias” de New Bedford⁴³. Faz inclusive o favor de adicionar como anexos os recortes de jornal onde essas notícias são publicadas.

⁴¹ Cf. A.H.D.M.N.E., 3.º Piso, 8.º Armário, Maço, Telegrama n.º 225 de 20 de Agosto de 1941, de Tovar de Lemos, onde o Ministério da Propaganda impede que continuem a sair sem querer, informações que, apesar de serem simpáticas para Portugal, fazem referência a uma situação melindrosa que foi já desmentida pelo Estado Português.

⁴² Cf. http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=63722 ou o **ANP 1964** - Anuário da Nobreza de Portugal – 1964, Direcção de Ruy Dique Travassos Valdez, Instituto Português de Heráldica, 1ª Edição, Cascais, 1964. Ingressou na carreira diplomática em 1916. Foi sucessivamente secretário da Legação de Portugal em Londres, delegado de Portugal na Conferência de Paz em 1919, ministro plenipotenciário e chefe de protocolo em 1922, encarregado de negócios em Londres em 1923 e 1924, ministro de Portugal em Pequim em 1925, director político nos Negócios Estrangeiros em 1932 e ministro de Portugal em Washington em 1933. Com a passagem da Legação de Portugal ao estatuto de Embaixada, a 27 de Maio de 1944, Bianchi continuou a representar Portugal nos EUA, na qualidade de embaixador. Permaneceu neste posto durante 14 anos. Em Agosto de 1947 regressou a Portugal para ocupar o lugar de secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sucedendo a Teixeira de Sampaio.

⁴³ Cf. A.H.D.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107.

5.2 – Meios de divulgação

Dos meios privilegiados de divulgação encontram-se dois meios que se destacam dos demais, sejam pelo alcance que podem ter, seja pela transposição de fronteiras sem salvo-conduto, visto ou passaporte – a Rádio e o Cinema. Embora a rádio combata o analfabetismo, chegando até aos analfabetos de forma a toldar-lhes e a subjugar-lhes as vontades, já o cinema implica um melhor conhecimento da língua mãe e, sendo a imagem bastante ilustrativa, servindo como catalisador de outros meios utilizados. Os jornais, de grande tiragem, também esbarravam na iliteracia da maioria da população portuguesa, embora alguns destes exemplares, como o *O Século Ilustrado*, fossem direccionados para um nível relativamente baixo de iliteracia, pois as imagens falavam por si, e também se lhes encontra um paralelo nas revistas dentro do mesmo género, como a *A Guerra Ilustrada*, onde o apelo à imagem relega para segundo plano a palavra escrita. Contudo esta não é descurada para o caso de quem olha por acaso também saber ler. Os meios de divulgação não se esfumam apenas neste tipo de imprensa “negra”, uma espécie de imprensa cor-de-rosa inversa, onde os protagonistas não são elementos de um qualquer jet-set mas antes sim, são elementos participantes dum conflito à escala mundial. Parece-nos redundante realçar o *panegirismo* que cada uma das publicações faz à facção de sua preferência e com a qual se identificam. Há outro tipo de publicações cuja propaganda, mais ou menos declarada, tem outro público-alvo – os intelectuais. É de estranhar que alguém que se diga ou enquadre no epíteto de intelectual aceda à leitura de revistas com tão vincado pendor para uma das partes. Poder-se-á arriscar uma hierarquia de importância onde se escalonaria as publicações humorísticas, os panfletos, jornais, revistas, cartazes, folhetos e livros classificados pelo seu grau de penetração nas classes dominantes, pois estas podem influenciar positivamente as pretensões da entidade emissora, transformando-se em arautos de causas alheias mas nas quais se revêem ideológica, política, social e economicamente. Num degrau imediatamente abaixo vêm aqueles que alimentam os números, i.e., a maioria. Esta maioria revê-se nos ideais comuns aos simples trabalhadores – o bem-estar e uma perspectiva de futuro e, por que não, alegria no trabalho? O Estado também tem aqui um papel preponderante, em que o

equilíbrio é crucial, pois o pendor por uma das partes beligerantes pode ser fatal – há que ser ambíguo q.b., respeitando e auxiliando uma aliança antiga, integrada num dos membros dos Aliados, mesmo que implicitamente e, por outro lado, negociando com a outra parte beligerante que dá pelo nome de Eixo. Esta neutralidade⁴⁴ é frágil e podre.

⁴⁴ Muito se tem dito em relação à neutralidade portuguesa e, sobre esta existem duas notícias comprometedoras – a cedência da base dos Açores aos Norte-americanos, com o título de “Portugal Gave Bases To Navy Liberators”, publicado no *Washington Times Herald* e que diz o seguinte: «The Navy disclosed today that neutral Portugal permitted American navy planes to base in the Azores for the anti-submarine campaign. The Navy Liberators were secretly admitted into Portuguese territory to aid the British who were given the use of the island of Terceira under an ancient Anglo-Portuguese friendship treaty.». Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050369.JPG>. Aqui é relativa a importância da neutralidade, uma vez que a guerra se encontra próxima do fim. A segunda notícia, mais acutilante, e que coloca Portugal numa posição delicada perante os Aliados e países simpatizantes, num futuro próximo de pós-guerra é a homenagem que é feita aquando da morte de Adolf Hitler. Esta está contida num resumo de imprensa, compilado com a data de 27 de Maio de 1945 e numerado com o número de boletim n.º 134, emitido pela Legação de Portugal em Washington. É encimado com o título “A morte de Hitler; comentários da grande imprensa à atitude de Portugal e da Irlanda”. O “New York Herald Tribune” é contumaz, segundo a passagem que faz o favor de traduzir: «Se isto é neutralidade (diz o jornal, referindo-se às condolências de de(sic) Valera e ao facto de “o devoto Dr. Salazar colocar as bandeiras de Portugal a meia haste para chorar a morte do inimigo da raça humana”), é certamente uma neutralidade que endoideceu, uma neutralidade em que as regras burocráticas sufocam e desvanecem, sem discriminar, o bem e o mal, e em que o espírito não pode respirar e só há vida para cerimónias ressequidas. As nações que lutam aprenderam a pouco esperar daquêles países que na grande crise da humanidade se mantiveram afastados, vangloriando-se da sua excelência moral por abster-se de participar neste motim tão baixo em que se vinha forjando o destino do mundo. [...]». Por fim, rematam com uma farpa: «[...] Mas se o Sr de Valera e o Dr Salazar julgam que as suas lágrimas por Hitler – quer sinceras, quer diplomáticas e de crocodilo – serão perdoadas ou esquecidas, são eles mais ingênuos do que os homens na sua posição têm direito de a ser.». Ainda pior, a verdade a descoberto, pela mão do “Washington Post” que sem peias coloca os pontos nos iis: «[...] “A política de neutralidade que êstes governos seguiram durante a guerra foi ditada por considerações de conviniência; desejavam evitar pagar o preço por que outros povos compravam a sua liberdade e imunidade. Mas agora que se ganhou a guerra na Europa, os neutros já não precisam de ter receios de Hitler ou do seu Reich. [...]». Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050373.JPG>. Os americanos, através da sua imprensa, vão manifestando o seu desagrado e realçam que não poderia haver uma “neutralidade genuína”. Já os luso-descendentes aproveitam para manifestar o seu veemente desagrado, pois o zelo protocolar português deixou-os numa posição, fragilizada, obrigando-os a vir à ribalta proclamar o seu desacordo: «American citizens of Portuguese ancestry and delegates of societies representing many more thousands of the 250,000 American citizens of Portuguese origin residing in New England, freely assembling this 20th day of May, 1945 at the auditorium, in the city of New Bedford, Massachusetts on the call of the Portuguese American Council for Democracy, do unanimously denounce and condemn the acts and actions of the Portuguese fascist dictator, António Oliveira Salazar, which malign all people of Portuguese origin: [...] We unanimously condemn the Portuguese dictator’s recent decree establishing two days of national mourning in Portugal for the dead arch criminal leader of the Nazi gangsters, Adolf Hitler [...] We unanimously denounce the solidarity manifested by the Salazar government over the past years with the Nazi fascist gangsterism [...] as well as the fascist use of propaganda by Salazar, through his controlled press [...]». Cf. A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050387.JPG-P4050388.JPG>. Não tinham outro remédio senão demarcarem-se da posição do Estado Português, aproveitando ainda para condenarem o regime instituído pela Ditadura, com a tranquilidade oceânica que os separava da alçada da PIDE. Já o Dr. João António de Bianchi e o cônsul de Portugal em Boston, o Dr. Ruy Teixeira, enfatizam o facto de que os

Aliados tiveram mais a ganhar com a neutralidade portuguesa do que com o engrossar de algumas centenas de homens aos exércitos de milhões. Realçam dois factos que condicionariam a guerra não fosse a neutralidade comprometida a tratados que remontavam ao século XIV. Se os Aliados necessitassem de desembarcar tropas no Norte de África, teriam a vida dificultada se a Península Ibérica estivesse ocupada por forças do Eixo, por outro lado, tiveram um porto amigo (bases dos Açores), para impedirem os ataques dos U-Boats (submarinos) do Eixo, correndo o risco de sermos bombardeados ao abrir as bases à Grã-Bretanha e aos seus aliados. Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050390.JPG>. Houve direito de resposta, tendo o Dr. João António de Bianchi mandado publicar notas oficiosas onde desmentia as intenções ofensivas que imputavam a Portugal e, mais concretamente, ao Dr. Salazar. Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050391.JPG>. Estas notas serão depois alvo de uma refutação por parte dos Luso-americanos de New Bedford. Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050396.JPG>. Também há um artigo publicado por José Botelho e que diz: «[...] Ours is not a neutrality gone mad, but a neutrality sponsored and encouraged by the Allies for the benefit of all.», Brooklyn, May 4, 1945. Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050392.JPG>. Haveria depois mais artigos a defenderem a posição portuguesa. Cf. . A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050393.JPG>. O caso atingiu tais proporções que a Embaixada Portuguesa em Washington D. C. chegou a receber ameaças e desconsiderações como poderemos aferir dos documentos .Cf. A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050414.JPG-P4050418.JPG>. Também portugueses que se encontram nos E.U.A., aproveitam para criticar o Estado Português como o conhecido escritor Dr. José Rodrigues Miguéis: «Dos oradores, que tiveram todos eles palavras contra o Governo português, destacaram-se os drs. Miguéis e Camoesas, pelo brilhantismo com que expuzeram os seus pontos de vista sobre o caso do “disparate cometido por Oliveira Salazar”». Este acesso foi feito no contexto de um comício público realizado no Liceu Municipal de New Bedford. Cf. A.H.M.N.E., 2.º Piso, 47.º Armário, Maço 107-109. Cf. tb. Anexo A <P4050435.JPG>.

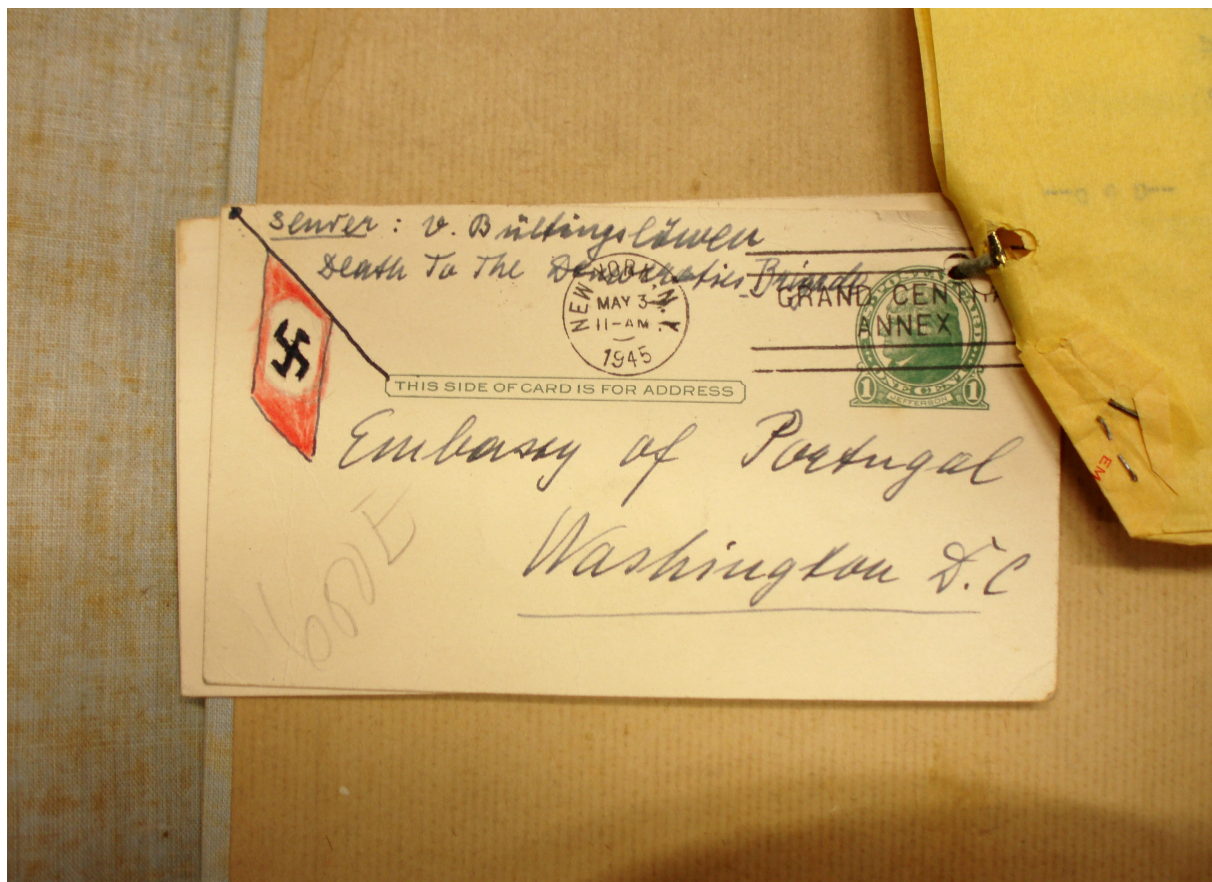


Ilustração 1 – Postal endereçado à Embaixada de Portugal em Washington D. C., reclamando o facto de terem colocado a bandeira a meia haste, após a morte de Adolf Hitler – 2.º Piso, Armário 47, Maço 107: frente⁴⁵.

⁴⁵ É curioso notar no pormenor da bandeira, aposto ao postal sob a forma de desenho.

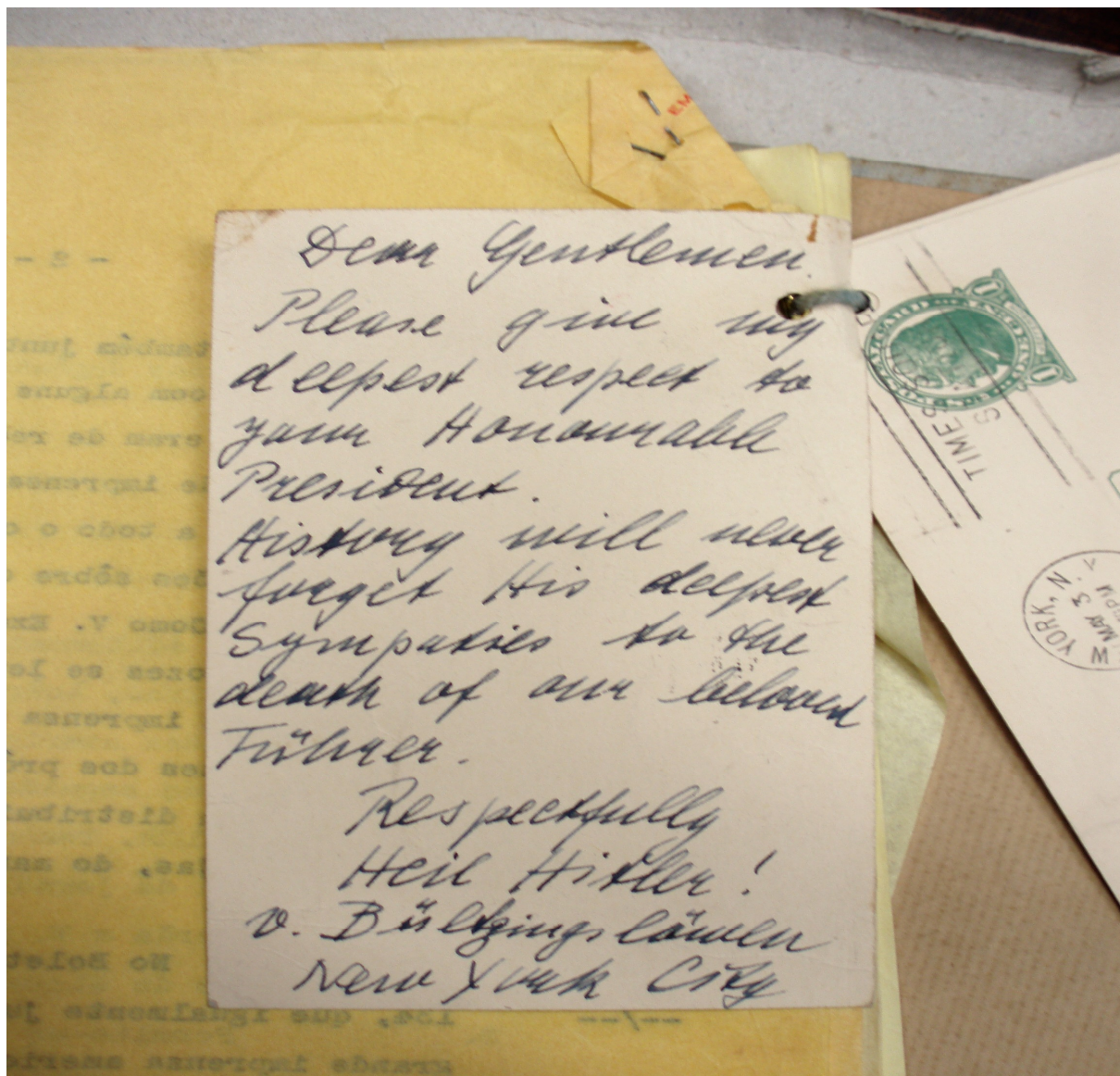


Ilustração 2 – Postal endereçado à Embaixada de Portugal em Washington D. C., reclamando o facto de terem colocado a bandeira a meia haste, após a morte de Adolf Hitler – 2.º Piso, Armário 47, Maço 107: verso.⁴⁶

Notamos porém que os meios atrás enunciados não são os únicos, arriscando-nos a dizer que qualquer manifestação intelectual pode ser passível de uso propagandístico – a arte é sem dúvida uma das ferramentas da propaganda ao serviço da beligerância. O estilo de vida exemplar e que se manifesta através da pintura,

⁴⁶ Tradução: «Caro Senhor apresente os meus profundos respeitos ao seu honorável Presidente. A História nunca esquecerá a sua profunda simpatia à morte do nosso querido Führer. Respeitosamente Heil Hitler. [Ilegível] Cidade de Nova Iorque».

escultura e arquitectura, só para citar alguns, está ao serviço da causa. Albert Speer e a sua arquitectura dão expressão às ideias do autor de *Mein Kampf*, da grandeza que quer transmitir ao povo alemão. Também por cá se quis transmitir a ideia de grandeza, não alicerçada pelo sacro império germano-alemão no caso da Alemanha mas, antes sim, pela grandeza da epopeia marítima (disso é caso a Exposição do Mundo Português).

5.1.1 – A Esfera

Esta revista, de publicação quinzenal, tem um carácter acentuadamente nazi. São vários os autores que escrevem aqui artigos e que são conhecidamente pró-nazis. Desde o director da revista, Félix Correia que admite não ter peias em não publicar artigos que não satisfizessem um determinado patamar intelectual, reservando para estes vários caixotes do lixo até ao irredutível Dr. Alfredo Pimenta cuja acutilância sectária salta à vista de todos os seus leitores, não imbuídos de um espírito cego de totalitarismo. Para além do editor, Félix Correia, que sucedeu à direcção e presidiu à fundação da revista, são característicos os participantes que nela tomam parte como o Dr. Alfredo Pimenta e o Visconde do Porto de Cruz, com os seus artigos acutilantes, só para nomear alguns. É uma revista que para além de algum grafismo, faz uma criteriosa selecção daquilo que publica, sejam fotos ou textos. Também os anúncios publicitários são tendencialmente pró-nazis⁴⁷ tais como rádios «Siemens», comprimidos de Cafiaspirina, da «Bayer», máquinas de costura «Naumann», creme e perfume «Lanson», as lâmpadas eléctricas «OSRAM», os corantes «Indanthren», papéis de parede «Norta», rádios «Telefunken», máquinas de escrever «Erika», as fitas para máquinas de escrever e tinta estilográfica «Pelikan», as bicicletas «Wanderer», as máquinas fotográficas «Robot».

⁴⁷ Pró-nazi ou Alemão? Nem todos os alemães eram nazis; muitos deles apenas davam a sua anuência tácita a um regime com o qual não concordavam. O que era publicitado nesses anúncios eram produtos alemães produzidos por alemães durante um período no qual imperou o regime nazi.

O Visconde do Porto da Cruz dá um exemplo, através do seu artigo publicado n' *A Esfera* de 5 de Janeiro de 1944 intitulado “Elementos de Bolchevização”, onde alerta de forma pictórica para o facto de haver um desequilíbrio entre o Trabalho e o Capital, onde aponta o dedo para os responsáveis pelo bolchevismo com sendo os ricos, os plutocratas «[...] que não querem convencer-se da grande, da irrefutável máxima que se impõe, que manda que «os ricos sejam menos ricos para que os pobres sejam menos pobres». [...] Para o capitalista, para o plutocrata, para os que vivem de ricos rendimentos sem canceiras nem preocupações, o Trabalho é uma esmola, um favor concedido ao desprotegido da fortuna, ao produtor. Não compreendem que o Trabalho e o Capital formam um todo, um conjunto inseparável. O desequilíbrio que provoca a má compreensão e a má orientação dêste princípio, é que traz a crise social que os profissionais da desordem e os oportunistas aproveitam para os seus planos e os seus fins da falsa revolução...»⁴⁸.

5.1.2 – O Espelho de Berlim

Os Espelho de Berlim, cujo início da sua publicação não se conseguiu apurar, pois os seus exemplares são raríssimos, são mais um exemplo de propaganda nazi em Portugal. Esta revista de “correspondência luso-brasileira”, como consta em faixa do lado esquerdo da capa, faz regularmente referência a personalidades portuguesas que servem como elo de referência para o público-alvo se reconhecer na informação que é prestada⁴⁹ sendo esta sempre prazenteira e favorável. A intervenção que achamos como uma das mais interessantes está consubstanciada nos fragmentos do artigo que

⁴⁸ Cf. a revista *A Esfera*, Ano IV

⁴⁹ No n.º 55 de 22 de Outubro de 1941, *O Espelho de Berlim*, faz uma referência de destaque intitulada “Amigos de Portugal”, com direito a página principal (pág. 3), onde faz um rasgado elogio ao Presidente da República, o General Carmona, pela condecoração com que foi distinguido, assim como ao representante de Portugal em Berlim, Pedro Tovar de Lemos nos seguintes moldes: «A entrega do diploma e das correspondentes insígnias foi feita pelo Ministro português, em Berlim, Conde de Tovar, o qual expressou ao agraciado a satisfação que sentia em cumprir esta honrosa missão que significava o reconhecimento do seu Governo pelo trabalho desenvolvido pelo Instituto Ibero-Americano e outras instituições que o General Faupel dirige com singular acerto e que tanto tem contribuído para o bom entendimento cultural entre os dois povos. O general agradeceu por sua vez ao Ministro português em termos extremamente afectuosos a lata distinção com que o General Carmona o honrara.».

citamos, publicado n' *O Espelho de Berlim* – é explicado de um modo muito acessível quais são as intenções que estão por detrás dos ingleses, quando estes decidem “invadir” Timor. Empreendem uma explicação do passado quase desde o início da Aliança até ao presente. A comparação que fazem, contrapondo os Descobridores portugueses que, laboriosamente labutam para “dar novos mundos ao mundo” aos Corsários ingleses, põe a descoberto os métodos utilizados por ambas as partes para a conquista de espaço extraterritorial. Atribuem aos portugueses um papel civilizador e comercial no caso dos locais onde desembarcam já serem civilizados. A revista não se termina pela defesa dos portugueses – realçam mais uma vez a grandeza germânica, dominante em várias áreas, nomeadamente a indústria químico-farmacêutica. Esta última causa uma preocupação acrescida a Lord Halifax (1881-1959), pois teriam que arranjar sucedâneos destes medicamentos. O escape foi conseguido através do pedido de permissão de produção dos produtos germânicos, patenteados em Inglaterra e, como tal, protegidos, tendo sido concedidas todas as licenças necessárias: «[...] Como era de esperar, foram concedidas as licenças requeridas e outras mais, de maneira que hoje são imitados na Inglaterra afamados medicamentos alemães, como a Atebrina, Plasmoquina, contra a malária, Bayer 205 (Germanina), contra a doença do sono [...]», entre muitos outros. Apenas ficariam escandalizados com o facto de a Imprensa internacional encarregar indivíduos pouco conscienciosos que queriam denegrir a Alemanha, apodando-a de país de bárbaros. Eles que tiveram que condescender com o fabrico dos seus compostos químicos noutros países, como a Inglaterra, eles que, apesar de terem sido privados das suas colónias africanas, continuaram o estudo e o desenvolvimento de cura para as enfermidades tropicais. Fazem ainda referência à tomada de assalto da farmacopeia germânica – o Direito Internacional deveria ser erradicado nos tempos de guerra, pois cessariam o cumprimento das regras instituídas dando início ao saque fraudulento da propriedade intelectual. No artigo publicado no n.º 63 d' *O Espelho de Berlim*, intitulado “Moral «Sui Generis»”, é-nos dada conta de que os medicamentos alemães andavam a ser adulterados, sendo comum ver deste tipo de propaganda perecível. Os medicamentos circulavam na Inglaterra como se de medicamentos ingleses se tratassem, pois estavam rotulados como se fossem originários da Inglaterra. De certo modo, queriam passar duas mensagens: 1) seriam

tecnicamente bastante competentes, servindo de modelo para outros países; 2) não seriam mesquinhos, continuando empenhados na pesquisa científica para o alívio da H

5.1.3 – *Sinal*

Esta revista é editada em vários países⁵⁰ e difere essencialmente da revista *A Esfera*, na quantidade de artigos de opinião que esta difunde. Os artigos são assinados maioritariamente por autores alemães. O grafismo que é apresentado é bom e são exímios em mostrar as cenas da vida de guerra. É dada uma pequena contextualização ao país que recebe a sua edição (a semelhança de exemplares franceses que consultámos), como mote de justificação da sua presença no nosso país – abordam-se as gentes e os costumes, sempre num aspecto positivo, evitando embarçar assim os destinatários da mensagem: a Alemanha está à frente do avanço tecnológico e científico. Dão-nos também conta da superioridade militar e de estratégia de que dispõem. Abordam os temas da guerra pormenorizadamente sem que mostrem imagens escandalosas da guerra que lhes faça perder a imagem de humanidade que pretendem passar. Amenizam a “paisagem” ilustrativa, degustando os leitores com o melhor da juventude feminina alemão, como que uma lufada de ar fresco que faz esquecer as agruras do ambiente que se vive. A morte passa por uma operação de cosmética, da qual se ressentem as notícias menos agradáveis de pó-de-arroz, até que estas percam a sua negritude e se revistam de um branco angelical. É passada uma imagem sempre cuidada dos intervenientes que, amiúde, nunca são apanhados dentro da realidade do dia-a-dia. Dir-se-ia que a maioria dos intervenientes das imagens seleccionadas poderiam sair de agências de modelos – isto não é despiciendo se pensarmos que, para criar uma influência mais duradoura na memória dos leitores, o belo e o bonito andariam de mãos dadas. O que transparece é uma quase urbanidade comensal por parte dos alemães – com este aspecto e com esta eficácia e

⁵⁰ Esta revista tem edições na Bélgica, Boémia e Morávia, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Noruega, Portugal, Roménia, Sérvia, Suécia, Suíça, Turquia, Estíria do Sul e Estlândia. É a lista de países que aparecem mencionados no 1.º Número de Outubro de 1942.

conhecimento técnico-científico, com a sua capacidade de produzir produtos com elevados padrões de qualidade (não nos podemos esquecer que algumas das máquinas mais conhecidas eram, em parte, de origem alemã), como é que poderão ser os maus? É óbvio que não faziam propaganda do modo como tratavam os prisioneiros de guerra, dos guetos que criaram e, dos vários milhões de judeus e não só, que deportaram e condenaram prematuramente à morte. Já na área científica, se formos ao fundo da questão, segundo eles, se alguém se arroga a alguma invenção mais surpreendente, esta tem por certo uma patente alemã na sua origem. Isto é verdade num grande número de casos. Têm de facto um sem número de invenções que não prejudicaram a humanidade, antes pelo contrário, e, em várias áreas do saber. A grandiosidade com que se revestem serve para “venderem” a sua imagem, umas vezes justificadamente, outras não é feita de maneira articulada com o Ministério da Propaganda e Integração Étnica que sabe, segundo Joseph Goebbels que, uma ideia repetida vezes sem conta acaba por se entranhar. A grande desvantagem desta publicação é que se trata de uma publicação em língua portuguesa e não vai muito para além disso, não chamando à colação autores portugueses conhecidos de modo a que fosse mais fácil fazer a ponte entre os emissores e os receptores. Será assim, mais uma publicação, facciosa sim, de novidades acerca da guerra, do seu desenrolar, das suas tácticas e evoluções tecnológicas. É um espaço para dar a conhecer essencialmente o mundo alemão, dando ao leitor, uma alternativa às publicações dos Aliados, i.e., a possibilidade de contar a história. Claro está que, o leitor atento que compare duas publicações de interesse antagónico dar-se-á conta do seu facciosismo, “tendo que achar um máximo denominador comum e dividir por dois para obter metade da verdade”. Provavelmente, ficará com uma ideia aproximada da realidade. Restam-lhes os jornais, também eles alinhados por um dos dois grandes blocos. O ideal alemão é passado sistematicamente nestas publicações – mentes sãs em corpos sãos. Com uma leitura simples à revista e esbarra-se logo com aquilo que parece ser uma propaganda negra – o assumir, por parte dos ingleses, da superioridade alemã, face à tecnologia. Tomemos o seguinte exemplo: «A Inglaterra confessou, portanto, a superioridade numérica e, por outro lado, a superioridade da chefia, da técnica e do material alemão. Promete-se aos ingleses que, no futuro, tudo será diferente. A

Alemanha não precisa de prometer nada. Os alemães sabem que os seus tanks cumprem o seu dever.»⁵¹.

5.1.4 – Outros meios de divulgação

Existem alguns exemplares a que tivemos acesso e que são constituídos por panfletos e pequenas publicações avulsas que circulavam no tempo da guerra e cuja grande maioria se encontra em colecções particulares. Dessas podemos destacar as seguintes:

- *Cadastro Negro / Alemães do passado e do presente*

O autor desta obra, Sir Robert Vansittart estabelece um paralelo entre o passado e o presente dos alemães, considerando não ter havido uma mudança significativa do seu comportamento: «Os métodos nazis certamente se encontram profundamente enraizados na Alemanha. O expediente de Bismark usando um documento forjado para provocar a guerra de 1870, foi, na Alemanha, considerado coisa fina, embora talvez original. Desde aquele dia a falsificação tornou-se geral. Há muitos anos que tal coisa se introduziu como parte integrante do sistema germânico. Nenhum documento oficial alemão é publicado que não seja um tecido de mentiras. [...] e que nos diz Hitler a tal respeito? Eis o que êle diz no seu livro «Mein Kampf» (o Meu Combate): «Pus-me de joelhos e agradei ao Céu, de todo o meu coração, pela graça de me ter permitido viver em tais tempos». Mas não julguem que Hitler é caso excepcional. [...] Durante várias gerações a Alemanha se tem empenhado em anexar não só a terra mas também o céu. Quando os Nazis viram que o céu *não* podia ser anexado, afastaram-se dêle por completo. E

⁵¹ Cf. Revista *Sinal*, 1º Numero de Outubro. 1942., p. 8.

portanto evidente o espírito do qual Hitler procede.»⁵². Ainda continuava deste modo propaganda dos Aliados: «Não há, por isso, nada de surpreendente no facto de os alemães de Hitler serem bárbaros. Mas eles porque querem êles ser bárbaros. A loquacidade inexaurível de Hitler já nos deu a explicação. Não lhe é fácil guardar segredos. A selvajaria, a ignorância, a perfídia, a crueldade são necessárias para a criação de uma *casta* dominante, de uma *raça* dominante. «Somos inimigos da inteligência», disse Hitler.»⁵³. Esta é uma publicação claramente da ala dos Aliados.

- *Guerra contra mulheres e crianças*

Esta publicação é de pendor iminentemente germanófilo, onde o autor revela as barbáries que estavam a cometer com mulheres e crianças alemães: «Não há nenhuma estatística sôbre os sofrimentos, humanos. Portanto, nunca se poderá controlar os imensos infortúnios, os sofrimentos físicos e morais que o bloqueio inglês causou ao Povo alemão.»⁵⁴. O que dirão os Aliados? Sofreram eles porventura menos, ou as suas crianças? Pensa-se que se não se tiver em conta a idade com que eram recrutados jovens para os campos de batalha;

- *Todos Carneiros*

Howard Spring é acutilante nas críticas que faz ao regime Nazi: «Uma mentira pode ser apresentada com tôda a persuasão da verdade [...] Hitler tomou a mentira como base da sua política. O êxito do seu regime dependia de se sim ou não podia levar o povo alemão a aceitar o que tinha para lhe oferecer. Ele era um bufarinheiro com novos artigos chegados a um mercado

⁵² Sir Robert [Gilbert] Vansittart, 1881-1957, *Cadastro Negro / Alemães do passado e do presente / Por Sir Robert Vansittart.*, [s.l.: s.e., s.d.], 94 pp., pp. 22-23.

⁵³ Idem, *ibidem*, pp. 64-65.

⁵⁴ Cf. Werner Schaeffer, *Guerra contra as mulheres e crianças / O bloqueio da Inglaterra contra / a Alemanha nos anos de 1914-1920.*, Berlim, [s.e.], 1940, 36 pp., p. 32.

cheio de gente desapontada e desiludida, a quem faltava trabalho, dinheiro e uma direcção para a sua fé. O que teve êle para lhes oferecer? O seu desprezo. A sua convicção de que podia enganá-los com mentiras. Tinha julgado bem. Venceu.»⁵⁵

- *A verdade sôbre as relações entre Portugal e Alemanha*

Nesta demanda pela verdade, os alemães não se cansam de minar a Velha Aliança, colocando os portugueses numa situação de inferioridade insuportável, para a qual se devem virar e resistir: «E como é Portugal tratado agora nesta guerra? Não obstante a estricta neutralidade de Portugal, os comerciantes portugueses são forçados, por intermédio dos representantes de Sua Majestade Britânica, sob ameaça de represálias, a declararem por escrito que não exercerão qualquer comércio com elementos duma nação inimiga de Inglaterra. São ainda intimados a permitir aos funcionários ingleses inspeccionarem a sua contabilidade, e ainda por cima a subscreverem empréstimos de guerra ingleses»⁵⁶. O tema parece ser recorrente – a Velha Aliança e os efeitos do arrogante e prepotente *Ultimatum*;

- *Hitler não é uma causa*

Holbech leva-nos a analisar de perto ao autor do «Espírito Inglês» nas suas justificações e legitimações para a defesa de um país: «Como se vê, para o autor do «Espírito Inglês», o *egoísmo*, a *perfidia* e a *ambição* são virtudes que caracterizam a Nação inglesa e impõem à sua admiração. Estabeleceu, pois, o autor um princípio que, transportado do particular para o

⁵⁵ Howard Spring, 1889-1965, *Todos como carneiros* / Howard Spring. [s.l.: s.n., ca 1940], 26 pp., il, pp. (?)5-(?)6.

⁵⁶ Cf. VAN BEBBER, A verdade sôbre as relações entre Portugal e a Alemanha: resposta à "Tragédia nacional" de José d'Arruela / Dr. Van Bebbber. Lisboa: Serviço de Informação da Legação da Alemanha, 1942, 32 pp., p. 32.

geral, torna dignas de admiração todas as Nações em que concorram aquelas virtudes. [...] *Hitler não é uma Causa*; Hitler é a consequência, o efeito da perturbação criada pela má distribuição da riqueza. E, porque «*mais de metade da riqueza do mundo*» está na posse da Inglaterra, a *Causa* da guerra, está no Império britânico, ou melhor, está no seu Império económico!»⁵⁷. É curiosa esta posição de legitimação/justificação quando se passa de um contexto particular para um geral – podemos estar na origem da barbárie;

- *Os senhores do Mundo / ... / Porque perderão...*

Estes escritos falam-nos da decadência inglesa e das suas “vilanias” ao longo dos tempos: «O desagregamento da velha Albino, não obstante o revestimento formal e exterior é mais grave e avançado que o dos franceses: as taras biológicas do povo inglês são ainda mais profundas e corrosivas.»⁵⁸. Após a leitura das folhas desta publicação, tentam-nos convencer da degenerescência do povo inglês – é mais uma propaganda nazi;

- *A Jovem Europa / Folhetos / dos Combatentes / da Juventude Académica / da Europa*

Esta é uma colectânea de folhetos de nível onde entram autores como Friedrich Nietzsche, Max Plank e o próprio Dr. Joseph Goebbels. Não tão acessível como as outras publicações, o seu público-alvo é já mais instruído. No artigo de Joseph Goebbels, uma transcrição do seu discurso proferido por ocasião da abertura da *Exposição de Arte Alemã* de 1942, onde continua a glosar a grandiosidade alemã, onde são de realçar o empenho e o trabalho, na prossecução de objectivos bem delineados e não fruto do acaso:

⁵⁷ Holbeche Castelo Branco, *Hitler não é uma causa* / Holbeche Castelo Branco. [s.l.: s.n.], 1940 (Lisboa: Imp. Barreiro), 15 pp., pp. 8-13.

⁵⁸ Cf. *Os senhores do Mundo / Porque Perderão*. Lisboa: Edições “Vita Nova”, [s.d.], 47 pp., p. 25.

«Qualquer génio, mesmo o mais fecundo, só poderá alcançar o seu máximo esplendor servindo a sua obra com a maior aplicação. É certo que a genialidade não pode ser substituída pela aplicação, mas tão pouco pode, sem a aplicação, atingir o seu mais elevado expoente.»⁵⁹. Está aqui definido nestes folhetos de propaganda para um segmento mais elevado, o âmago da alma alemã – a aplicação que visa a perfeição;

- «*Os Vencidos da Vida*» / João V. Claro

O pseudo autor deste livro de propaganda, veiculado pelos Serviços de Informação da Legação da Alemanha em Lisboa, usa aqui um pequeno trocadilho “João V. Claro = João Vê Claro”, i.e., o João cuja vista é cristalina, “vê claro” no actual panorama, traz-nos, oportunamente e para o efeito, uma série de observações de Oliveira Martins em relação à Inglaterra, no contexto dos “Vencidos da Vida”, onde coloca questões às quais dá as suas próprias conclusões, mostrando sempre a nefasta influência inglesa que só se quer aproveitar dos portugueses: «Que lucramos com esta aliança a um povo, tão rapace como astuto, explorando a filantropia ingénua em benefício de um egoísmo insaciável?»⁶⁰, mais adiante explica: «A Aliança inglesa foi sempre para nós um protectorado mais ou menos disfarçado; e as relações desta ordem traduzem-se logo pela dependência e pela extorsão. Os factos que levantam o espírito nacional (1890) não são mais do que o epílogo de uma longa história de vexames e espoliações, à custa das quais nos imaginamos por largo tempo garantir uma independência que julgamos precária.»⁶¹. João via de facto claro e até demais – falava, sem dúvida, pelos alemães que, como já dissemos, não perdiam uma oportunidade para realçar a fragilidade da “Aliança”. É feita nesta publicação, uma súmula dos pensamentos do

⁵⁹ Cf. *A jovem Europa*. Lisboa: Tip. da Sociedade Astória, Novembro de 1942, vol. 6, ns. 8, 9 e 10: Folhetos da Juventude Académica da Europa, 86 pp., p. 8.

⁶⁰ Cf. João V. Claro, «*Os Vencidos da Vida*» / *Verdadeiras causas do derrotismo numa geração*. [s.l.: s.e., s.d.], 16 pp., p. 7.

⁶¹ Idem, *ibidem*, pp. 7-8.

grupo dos “Vencidos da Vida”, dos quais faziam parte Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Conde de Sabugosa, Ramalho Urtigão, Conde de Arenoso, António Cândido, Conde de Valbon, Guerra Junqueiro, Conde de Ficalho, Marquês do Soveral e Carlos Mayer, os quais nunca perdoaram o *Ultimatum* inglês.

6 – A Exposição do Mundo Português (1940) – a influência arquitectónica do Regime Nazi

A *Grande Exposição do Mundo Português* foi a maior exposição realizada em Portugal, até à *Expo98*. A exposição destinava-se a comemorar o Duplo Centenário da Fundação do Estado Português em 1140 e da Restauração da Independência em 1640. A exposição foi inaugurada em 23 de Junho de 1940 pelo Marechal Carmona, acompanhado pelo Presidente do Conselho, Dr. António Oliveira Salazar e, pelo Ministro das Obras Públicas, Eng.º Duarte Pacheco⁶². Os responsáveis pela exposição foram Augusto Castro (Comissário-Geral), Sá e Melo (Comissário-Geral-Adjunto), José

⁶² Duarte Pacheco (1899-1943) nasceu em Loulé, oriundo de família relativamente modesta. Matricula-se no Instituto Superior Técnico. É através de explicações aos seus colegas que consegue um suplemento financeiro que o vai ajudar nas dificuldades diárias. Graças à sua capacidade de trabalho e às suas qualidades intelectuais, granjeia a simpatia dos colegas e professores, das quais viria a tirar dividendos ao longo da sua vida académica e profissional. Convicto republicano, integra o batalhão académico organizado para defender o regime, por ocasião da aventura monárquica de Monsanto. Termina o curso de engenharia electrotécnica em 1922 e é convidado para leccionar no Instituto. É nomeado director interino em 1926. A sua carreira pública é subsidiada pela competência técnica que lhe é reconhecida aquando dos seus contactos com o presidente da Câmara de Lisboa para a construção de novas instalações para a escola. Faz parte do Governo de 1928 a 1929 com a pasta da Instrução. Oliveira Salazar já conhecedor dos seus méritos vai convidá-lo a integrar o seu primeiro executivo em 1932, tendo sido criado então o M.O.P. – Ministério das Obras Públicas, do qual seria ministro. Sai em 1935, já não fazendo parte do novo Governo empossado em 1936 devido a pressões provocadas pelas condicionantes impostas à construção civil, comprometendo clientelismos já instalados. Regressado ao I.S.T., empreende uma viagem, com o arquitecto Pardal Monteiro, tomando contacto com a arquitectura fascista italiana e o neoclassicismo que era uma referência arquitectónica oficial, instituída no III Reich. É nomeado presidente da Câmara Municipal de Lisboa, em 1938, e em Maio do mesmo ano regressa à direcção do M.O.P., num período em que é dada grande importância à política de obras públicas e um ênfase especial à futura Exposição do Mundo Português que é anunciada em 27 de Março 1938 e que será inaugurada em 1940. Cf. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias* / dirigida por João Medina. [Amadora]: Ediclube, D.L. 1993, 15 vols., il., vol. XVI, 446 pp., pp. 288-294.

Leitão de Barros (Secretário-Geral) e José Ângelo Cottineli Telmo (1897-1948), (Arquitecto-Chefe) que fez a ponte entre António Ferro e Duarte Pacheco.

Esta exposição incluía pavilhões temáticos relacionados com a história, actividades económicas, cultura, regiões e territórios ultramarinos de Portugal. Incluía também um Pavilhão do Brasil, único país estrangeiro convidado. Com a exposição, operou-se na zona ocidental de Lisboa uma grande renovação urbana. A sua praça central deu origem à Praça do Império, uma das maiores da Europa. No final da *Grande Exposição do Mundo Português*, a maioria das edificações foi destruída, restando apenas algumas estruturas como o actual Museu de Arte Popular e o Monumento aos Descobrimentos. A Exposição do Mundo era uma «grande operação de encenação ideológica e, especialmente, um mostruário iconográfico onde se exaltam e esteticamente se emblematizam os grandes temas da mitologia salazarista.»⁶³. A Exposição do Mundo Português foi uma oportunidade ímpar de Oliveira Salazar fazer propaganda, através do Director do S.P.N., António Ferro e do engenheiro, Duarte Pacheco que aplicaram alguns conceitos da monumentalidade das construções que iam aparecendo um pouco por toda a Europa, nos países com regimes totalitários, como é o caso da Alemanha e da Itália. O arquitecto que dirigiu o programa arquitectónico, Cottinelli Telmo, estava influenciado pela magnificência das majestosas construções, de cariz iminentemente intemporal, na perspectiva da posteridade. O partilhar da grandeza da Nação e do seu mais alto desígnio, tinha na exposição um factor aglutinador da nacionalidade orgulhosa. Nesta exposição são visíveis os traços da influência germânica. Esta obra, que utilizou, em pouco mais de um ano, «cinco mil operários, 15 engenheiros, 129 auxiliares e mil estucadores»⁶⁴, constituindo assim um uso sem precedentes, de uma força de trabalho para a construção da celebração evocativa dos momentos histórico-ideológicos. Era «uma espécie de fábula contada em imagens, símbolos, frases e palavras»⁶⁵. A exposição é constituída pelo Pavilhão dos Portugueses no Mundo, pelo Pavilhão de Honra e de

⁶³ Cf. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias* / dirigida por João Medina. [Amadora]: Ediclube, D.L. 1993, 15 vols., il., vol. XVI, 446 pp., p. 318.

⁶⁴ Cf. *Dicionário de história do Estado Novo* / dir. Fernando Rosas, J. M. Brandão de Brito, coord. e pesquisa iconográfica Maria Fernanda Rollo. Venda Nova: Bertrand, imp. 1996, 2 vols., il., 1.º vol. A-L, 527 pp., p. 326.

⁶⁵ Cf. *Dicionário de história do Estado Novo* / dir. Fernando Rosas, *o.p. cit.*, p. 327.

Lisboa. Os outros pavilhões estão associados à História de Portugal: Pavilhão da História de Portugal; da Fundação até à Independência; Descobrimientos; da Colonização; do Brasil; do Portugal em 1940, e ainda o Centro Regional e as reconstituições das pequenas aldeias portuguesas, o Pavilhão de Exposição Etnográfica e por fim a secção Colonial. A isto tudo se juntava o *Padrão dos Descobrimientos*, projectado por Cottineli Telmo e ornado com uma estatuária assinada por Leopoldo de Almeida. Esta exposição ficaria marcada pela cumplicidade implícita entre os artistas e o Estado Novo.

7 – A Exposição de Arquitectura Nazi em Lisboa – Albert Speer

A deslocação do arquitecto Albert Speer⁶⁶ mostra a importância que a Alemanha dava a Portugal, na prossecução do seu esforço propagandístico, partilhando da sua cultura, num momento em que a Alemanha se encontrava no zénite das suas vitórias bélicas. A exposição de arquitectura do III Reich, trazida a Portugal em 1941, por iniciativa do Ministro das Obras Públicas, Eng.º Duarte Pacheco, era uma exposição itinerante de «Moderna Arquitectura Alemã»⁶⁷ que o Governo nazi enviou a Portugal em Novembro de 1941, realizada na S.N.B.A. Esta exposição, acompanhada

⁶⁶ Berthold Konrad Hermann Albert Speer (1905-1981) sentiu-se influenciado pela solução avançada por Hitler para sanar o Comunismo e pela renúncia ao Tratado de Versalhes – aderiu pouco depois ao Partido Nazi. Foi o arquitecto chefe do regime nazi, tendo sucedido ao engenheiro Fritz Todt (1891-1942) que morreu um acidente de viação, assumido a pasta do Ministério do Armamento durante a guerra. Tentaria dinamizar a indústria de guerra de modo a que os níveis de produção desta se conseguissem igualar à dos Aliados. Para além das várias obras que realizou, foi responsável pelo desenho do Pavilhão da Alemanha na Exposição Internacional de Paris, em 1937. Curiosamente, o Pavilhão Alemão ficava defronte do Pavilhão Soviético e, a sua forma foi pensada para dar a sensação de uma investida em defesa contra o Comunismo, numa autêntica mensagem subliminar. Ficou encarregue de reedificar a nova Berlim que viria a ser a capital de uma “Alemanha Maior”. Desenhou entre outras obras, a nova Chancelaria do Reich. Muitos dos projectos que idealizou não passaram do papel. Foi sentenciado a 20 anos de reclusão, pelo Tribunal de Nuremberga, tendo cumprido a pena na Prisão de Spandau. Segundo o próprio, ainda pensou em aniquilar Adolf Hitler, colocando gás venenoso no ventilador do *Führerbunker*, em 1945, mas o plano gorou-se por uma série de motivos. Foi aliás esta explicação que contribuiu para que a sua pena fosse atenuada, embora contra vontade dos Soviéticos, que queriam que lhe fosse aplicada a pena de morte. Cf. Albert Speer. (4 de Janeiro de 2008: últ. rev.). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Acedido a 5 de Janeiro, 2008, de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Albert_Speer&oldid=182168819.

⁶⁷ Cf. José Augusto França, *A arte em Portugal no século XX* / José Augusto França. Lisboa: Bertrand, 1974, 644 pp., il., p. 222-224.

pelo arquitecto do III Reich, Albert Speer, responsável pela sua organização. É composta de uma vintena de grandes maquetas que transmitem a grandiosidade e monumentalidade dos projectos, acompanhadas por sessenta fotografias que exprimiam a imponência majestática das obras do III Reich, resultantes do esforço dos arquitectos que assimilaram o novo pensamento alemão. Albert Speer ficou impressionado com a hospitalidade com que foi recebido e, Duarte Pacheco ficou admirado ao reconhecer as suas ideias convergirem com as de Albert Speer: «Colunatas e escadarias – uma severidade rica e brutal de linhas simbolizavam um império feito para durar mil anos; a obra de Pacheco visava mais modestamente um século, como dirá Oliveira Salazar, mais uma idêntica ambição ideológica de eternidade se media nestes prazos, às respectivas escalas nacionais.»⁶⁸. Cottineli Telmo, encarou a exposição alemã com algumas reservas ou não se tratassem de especialistas na área, fazendo notar que «a força, a dignidade, a disciplina, a lei»⁶⁹ expressa na monumentalidade das obras também ela se pode verificar nos programas arquitectónicos alemão e português, apontando que se houvesse uma exposição semelhante a realizar por Duarte Pacheco, esta seria, à escala da nossa dimensão, impregnada dos mesmos traços grandiosidade. Cottineli Telmo guardava para si uma posição circunspecta porquanto se sentia «[...] sem força para emitir juízos críticos diante da obra colectiva que tem por detrás de si um ideal ou uma força [...]»⁷⁰. Preferia tomar uma posição mais cordata que não o comprometesse, não se subalternizando à genialidade alemã – admitia existirem capacidades em nada inferiores às alemãs, para levar a cabo tais desígnios. Contudo, apesar de não emitir juízos acerca da obra colectiva dos arquitectos nazis, conclui-se que, em parte, viria a confirmar a sua aprovação tendo em conta as suas produções arquitectónicas posteriores, como é o caso das obras da Universidade de Coimbra, em 1943, com grandes escadarias e a praça, para além dos grandes edifícios com colunatas. Logo após o ano da exposição, em 1942, haveria um reflexo exemplificativo desta – o Hospital de Santa Maria. Segue-se no mesmo espírito, o Areeiro, e a zona de Alvalade, espalhando-se para zonas

⁶⁸ Cf. José Augusto França, *op. cit.*, p. 252.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 252.

⁷⁰ *Idem, ibidem, ibidem*.

residenciais de luxo, situadas no Restelo, Ajuda e na Avenida do Aeroporto. Há mais construções que resultam deste ideal de grandeza, como a Biblioteca Nacional, a Cidade Universitária.

7.1 – De que forma a Propaganda Nazi influenciou o quotidiano Português?

Se porventura se pudesse estabelecer um paralelismo, ver-se-iam organizações muito similares e, para termos uma pequena noção, a Mocidade Portuguesa⁷¹ e a Juventude Hitleriana não distariam muito dos seus objectivos. Corpos são em mentes são também eram uma ideia comum. Se observarmos a literatura propagandística portuguesa, veremos, por exemplo, o *Decálogo / Legionário* em que diz o seguinte: «6.º O legionário esforça-se por valorizar física, intelectual e profissionalmente com o fim de ser útil à comunidade e a consciência de que ela se engrandeceu com o seu esforço.»⁷². Também no *Manual para a Instrução do Lusito*⁷³, muitos dos conselhos dados à juventude para que se pudesse manter em forma, física⁷⁴ e mentalmente. Os exemplos não se espraiam só por aqui – o SPN (Secretariado Nacional da Propaganda) teria no Ministério da Propaganda Nazi o seu homólogo embora não se pudesse fazer

⁷¹ Armando Bacelar faz uma alusão a um panfleto em Português, datado segundo o autor provavelmente de 1942 – era um exemplo da propaganda nazi em Portugal e, consistiria em fazer alusão ao nascimento da Mocidade Portuguesa (pelo menos das fardas), aquando da participação portuguesa numa parada, por volta dos Jogos Olímpicos de Berlim, onde os nazis fizeram o favor, ante a falta de equipamento próprio para o desfile, de desenhar os modelos das futuras fardas da MP, executá-los e entregar o fardamento a tempo e horas de o poder usar no desfile. Esse panfleto satirizaria (e utilizaria em proveito próprio) a criação da M.P. Cf. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias* / dirigida por João Medina. [Amadora]: Ediclube, D.L. 1993, 15 vols., il., vol. XVI, 446 pp., pp. 105-106. Cit. in Armando Bacelar, «Para a história da Mocidade Portuguesa», *O Jornal*, 1-IV-1977.

⁷² Cf. *Decálogo / Legionário*, Lisboa: Edições SPN, [s.d.], 50 pp., p. 29.

⁷³ Cf. *O. N. Mocidade Portuguesa, Manual para a Instrução do Lusito*, Lisboa: Direcção dos Serviços de Instrução Geral, Lisboa, 1945, 92 pp.

⁷⁴ A saúde e o bem-estar físico são preocupação dos alemães: «Sabido é que o povo forma o alicerce de uma nação; é nele que reside fundamentalmente toda a vitalidade de um país, e por conseguinte é a defesa da sua saúde que desperta a maior atenção de todos os estadistas que trabalham pela grandeza da Pátria. [...] Para uma nação à qual se impõe uma missão muito importante, é absolutamente necessário que a saúde da sua juventude seja protegida cuidadosamente. [...] A administração sanitária toma todas as medidas oportunas com o fim de evitar os perigos que ameaçam a saúde dos jovens alemães.», cf. «Assistência Médica», *O Espelho de Berlim*, n.º 61 de 14 de Janeiro de 1942, pp. 20-23.

uma grande comparação em relação aos seus responsáveis António Ferro⁷⁵/Joseph Goebbels. A ingerência do primeiro nos diversos assuntos em que se decompunham as actividades do governo, não seria tão lata como a do segundo em que chama a si a ingerência em todas as pastas do Reichstag. As S.A./S.S. teriam a sua congénere na Legião Portuguesa, cujo seu grande fito era o combate irreductível contra o perigo bolchevista – eram estruturas armadas, embora o alcance e objectivo de ambas diferissem um pouco. A Alegria no Trabalho⁷⁶ também existia cá em Portugal – as demonstrações de ginástica, os saraus e os desfiles, também se realizam, salvaguardada a dimensão dos dois países em causa. Mas, parece-nos que o mote dos Nacional-Socialistas era mais agregador e, o que reunia as massas de diversas classes, em torno do Führer era de menor proporção, mesmo salvaguardadas as dimensões, em torno de Salazar. No entanto havia também o sentimento de que se não se conseguia ir contra eles, o melhor era ir com eles. O Estado Novo não tinha umas S.S. (*Schutz Staffeln*) mas uma espécie de Gestapo (*Geheimnis Staatspolizei*) com a sua PVDE, mais tarde designada por PIDE. Salazar não quis impedir os portugueses de ter os seus movimentos fascizantes semelhantes aos dos regimes totalitários mas expurgou-lhes a maior parte da agressividade que caracterizavam as suas congéneres. Ficavam alguns movimentos onde podiam dar largas ao modelo fascista, i.e., a L.P. e a M.P.

⁷⁵ António Joaquim Tavares Ferro (1895-1956) foi escritor, conferencista, jornalista e político português, ligado ao movimento modernista, alinhando com personalidade como o poeta Mário de Sá-Carneiro, o pintor, escritor, dramaturgo e romancista José Almda de Negreiros, o poeta e escritor Fernando Pessoa, entre outros. Em 1915, aos 20 anos foi o principal impulsionador da revista *Orpheu*. Foi chefe de redacção de *O Jornal* e colaborou ainda nos periódicos *d'O Século*, *Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias*. As entrevistas que fez a personalidades como Mussolini, D'Annunzio, Clemenceau, Afonso XIII e Salazar constituíram um impulso determinante na sua incursão pelo jornalismo. Em 1933 foi director do Secretariado da Propaganda Nacional, onde levou a cabo uma dinamização cultural na sociedade portuguesa do seu tempo, abrangendo a informação, os espectáculos, as artes plásticas, os prémios literários e artísticos. Foi ministro de Portugal em Berna e terminou a sua carreira como Embaixador em Roma. Da sua produção literária destacam-se *Missal de Trovas*; *Árvore de Natal* (poesia); *Mar Alto* (teatro); *Leviana*, *A Amadora dos Fenómenos* (ficção), e ainda as conferências e relatos de viagens. Cf. *Dicionário de Biografias*, Vol.24, Lisboa: Porto Editora, [Dep. Legal: 213330/04], p. 242.

⁷⁶Cf. *Alegria no trabalho: boletim da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*. Lisboa: Jorge Felner da Costa, 1945-1949.

7.2 – Alguns Nazis Portugueses

Daqueles que podemos considerar Nazis Portugueses, devemos dividi-los em dois grupos distintos – aqueles que acreditam convictamente na doutrina Nazi e, o outro grupo que, amante da disciplina, ordem e organização, levava-os para o lado alemão. Estamos em crer que não estivessem prescientes de toda a máquina infernal de exterminação que levou à morte de milhões de inocentes. Considerariam apenas que se trataria de uma guerra, onde se jogavam interesses (no caso alemão, o antigo e propalado espaço vital), berço de um Gothe e de um Wagner que se voltassem à vida, ficariam por certo “zangados” com o aviltamento do povo alemão que embarcou na demência de um “demente”. Não nos podemos esquecer que esse “demente” não ascendeu sozinho ao poder e nem tão pouco o exerceu sozinho. As estruturas que montaram foram sendo preenchidas pelas pessoas nem sempre as mais idóneas, havendo sempre espaço aberto para pessoas mesquinhas que soubessem ler pela cartilha nazi, sem titubear, certos porém de algum poder discricionário como contrapartida. Voltando aos seguidores da cultura alemã que, por um hiato de tempo tresmalhou, mesmo desconhecendo pormenores das atrocidades cometidas, parecemos quase impossível que não se apercebessem de algo anormal, com a entrada de milhares de refugiados em Portugal. Não se lhes levantava a seguinte questão: - o que levará milhares de pessoas a refugiarem-se no nosso país? Isso não corresponde de todo ao ideário da vida alemão que vai sendo relatado pelas publicações nazis em língua portuguesa – uma vida sã e alegre, apesar de tudo. Concordariam eles com a chacina feita aos Judeus? O que diriam eles, amantes da ordem, da cultura e do progresso, o uso do poder discricionário por parte dos seus ídolos? Seria o efeito contagioso de uma ilusão colectiva? Não nos parece. Alguns dos nazis portugueses comungavam da crença de que o mal do mundo era devido aos Judeus. Eles, juntamente como bolchevismo, deveriam ser eliminados a todo o transe. Na revista *A Esfera*, encontram-se artigos assinados por Félix Correia em que este corrobora a teoria da culpabilidade dos Judeus relativamente aos males do mundo. Este não será o único autor a pensar deste modo. Como é que é possível viver com estas convicções? São perguntas de difícil ou resposta impossível mas têm que ser colocadas. Não

estamos, e cremos que com razão, a querer montar um “tribunal de Nuremberga” para fazer julgamentos – apenas nos atemos aos factos e cogitamos sobre eles de modo a que melhor se nos possam afigurar hipóteses.

7.2.1 Félix Correia

Félix Correia, Editor da revista *A Esfera*, era inconfundível no seu estilo – só mostrava uma face da guerra, aquela que era mais favorável à Alemanha, seu exemplo de ideal. Queremos crer que alguma elite portuguesa não perfilhava das atrocidades cometidas pelo regime Nazi -, antes sim, partilhava do espírito de sacrifício, de persistência que os envolvia em torno de um ideal. Embora houvesse por parte de alguns sectores o conceito de eugenia, nunca, que se saiba, houve quem perfilhasse ou adoptasse essa via, nem mesmo socorrendo-se de propaganda perniciosa (aquela que se socorre de propaganda onde não cabe sequer a classificação de negra, cinzenta ou branca, onde fazem circulara posters para fazer ver à população comum que um ser que nasce deficiente deverá morrer mesmo antes que possa existir e, em vez de lhe aplicarem o conceito mais complicado como o da eugenia e aprimoramento ou depuração da raça ariana, traduziam-na em palavras simples como o custo médio que os deficientes custavam ao Estado, fazendo contas de algibeira, onde o visado ficava com uma ideia de qual seria a sua cota parte, injusta quanto a eles, do que o simples e esforçado trabalhador tinha que suportar). Félix Correia não é apatidário: chega ao ponto de fazer jus de que não publica qualquer tipo de informação que lhe façam chegar e reserva muitos caixotes do lixo que tem, para a guardar. Quando lemos os seus artigos de opinião, concluímos com alguma brevidade de que se trata de uma pessoa pouco isenta.

7.2.2 – Dr. Alfredo Augusto Lopes Pimenta (1882-1950)

O Dr. Alfredo Pimenta⁷⁷ é uma daquelas personalidades que entendemos que está a meio termo da divisão por grupos que fizemos. É um indivíduo que crê na revolução alemã e, comunga da opinião, generalizada à época de que o Bolchevismo era um perigo real e que deveria ser combatido e debelado. Era a favor da mentira do século XX – os Nazis iriam trazer uma nova ordem a esse mundo conturbado por várias perturbações nas quais o bolchevismo ocupava o maior lugar de destaque. O Dr. Alfredo Pimenta faz a sua campanha a favor do Eixo e contra os seus detractores. Quando a questão da neutralidade portuguesa sai à rua, saem também os seus defensores. As maiores críticas vieram das Américas, mais concretamente, da América do Norte, tendo sido as comunidades de luso-descendentes aí residentes, das mais acutilantes. Da América do Sul, mais concretamente do Brasil vem uma obra de Gilberto Osório Oliveira de Andrade que é literalmente arrasada: *Os Fundamentos da Neutralidade Portuguesa*, onde, segundo Alfredo Pimenta, não é mais do que “*Os fundamentos da Aliança portuguesa-britânica*” e continuando diz também que o autor está subjugado «[...] a sua função de serviçal de Potências estrangeiras [...]»⁷⁸.

⁷⁷ Formou-se em 1908 em Coimbra. Passou por várias fases de metamorfose ideológica que o levaram desde o anarquismo na juventude, ao republicanismo (membro do “Partido Evolucionista de António José de Almeida”), passando depois para a fase monárquica, sendo próximo do movimento do Integralismo Lusitano; não dispensou o regime salazarista e foi simpatizante das ditaduras de Hitler e Mussolini. Aliás, não há escrito seu em que não defenda os Alemães, os justifique e aponte as armas ao bode expiatório de todo o mal: o bolchevismo! Isto é bem patente em vários volumes da revista *A Esfera*. Cf. *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa* – vol. 4 – 1982, *Entrevista com Aurélio Quintanilha*, efectuada por João Medina, pp. 121-132.

⁷⁸ Os comentários que são feitos a esta obra, vinda daquele que diz: «[...] «o que nos fazemos é macaquear a sintaxe lusíada [...]» são muito contundentes. Para ilustrar o “calibre” da crítica tecida pelo Dr. Alfredo Pimenta, aludiremos a algumas passagens: «[...] O livro é de tal raça, que o prefaciador, aliás docíssimo, benevolíssimo e rebugadíssimo, quási põe o dedo na ferida, quando escreve que o autor «não fêz senão um livro de história – uma tese de *história da política externa de Portugal*, que não podia deixar de ser, ao mesmo tempo, uma história, embora breve, da diplomacia portuguesa». História – mas que história! [...] Nas trezentas páginas que o constituem, há coisas certas, e há tolices. As coisas certas não são do Autor; não há uma só que seja do Autor; as tolices, sim, essas teem tôdas a marca inconfundível do fabricante. São, como disse, trezentas páginas. No fim, vem o catálogo dos autores que ajudaram o sr. Osório de Andrade, e observa-se que o fizeram em trezentos e oitenta lugares, o que nos dá intervenção e pico por página! O Autor adopta o sistema de atirar para o fundo do volume com as citações. Como o leitor da rua não tem paciência para fazer os cotejos, nunca terá a idéia precisa do que seja a obra, que não passa no seu conjunto, de, umas vezes, cópia, e outras vezes, decalque do que outros escreveram. Uma verdadeira lástima! Autêntica obra de trolha. Os principais fornecedores de materiais foram Santarém, Marques Guedes e João Ameal; Santarém, quarenta e cinco vezes; Marques

7.2.3 Eduardo Metzner Leone

Na sua obra *Nazis: 10 meses na Alemanha em guerra*, empreende um relato quase panegírico da sua viagem à Alemanha e à capital do *III Reich*, num tempo bastante difícil. A analogia que faz da figura do soldado marcial «[...] que parecia arrancada a uma estampa do «Signal»»⁷⁹, a um ser indestrutível, e, todo o cenário que descreve aquando da sua chegada ao aeroporto berlinense de Tempelhof, é elucidativa da consideração e admiração que nutre pelo regime Nazi. A enumeração que faz do aprazível lugar que é Berlim far-nos-ia crer que encontrava perante um sistema utópico *não-terreno*, com um urbanismo irrepreensível que coexiste em perfeita harmonia com povo, porta-estandarte de inúmeras virtudes. Apenas o surpreende as formalidades alfandegárias de que é acometido após o desembarque, onde se vê rodeado de impressos com inúmeras perguntas. Num dos impressos tivera que se descrever pormenorizadamente (estatura, cor do cabelo, cor dos olhos, etc.). A sua filiação também é necessária. É digno de nota o seu reparo às afirmações da propaganda inglesa em relação ao efeito das bombas largadas em Berlim – para o efeito, serve-se do exemplo da estação central dos caminhos-de-ferro: «Anhalter Bahnhof... a famosa estação central dos caminhos de ferro de Berlim, dada como totalmente destruída pelas bombas dos aviões britânicos – estavam ali, diante de mim, envolta nos últimos clarões de um triste poente outonal, sólida como um bloco de granito. E lembrei-me dos grandes títulos da Imprensa lisboeta, nessa manhã célebre em que mais de metade de Berlim foi arrasada... pelos telegramas de agências londrinas.»⁸⁰. Metzner Leone só começa a sentir os efeitos práticos da guerra, quando é confrontado com a falta das

Guedes, oitenta e quatro vezes; e João Ameal trinta vezes. Nestes três autores, a colheita foi, como se vê, à bruta. O leitor desprevenido caminha pelas páginas adiante, depressa convencido que está a ler o sr. Osório de Andrade que «candidata-se», quando o que está a pisar é terreno de Santarém, Marques Guedes ou João Ameal. É certo que abundam as comas. Mas a certa altura, já não se vêem comas, e tudo aquilo passa como prova das tais qualidades exuberantes de exegeta, das virtudes magníficas de historiador e do admirável espírito jurídico de que falava o outro – quando, afinal, não é mais nem menos do que uma grande pouca vergonha, com o seu quê de burla.». Gilberto Osório de Andrade candidatou-se à cadeira de Direito internacional público, situação que é jocosamente ridicularizada ao longo de todo o artigo pelo Dr. Alfredo Pimenta. Cf. Dr. Alfredo Pimenta, *A Esfera*, Ano IV, n.º 86 (5 de Março de 1944), Página Cultural, “Os Fundamentos da Neutralidade Portuguesa”, Lisboa: ed. A.I.m.a., p.4 e p. 21.

⁷⁹ Cf. Eduardo Metzner Leone, *Nazis: (Dez Mêsese na Alemanha em Guerra*, [s.l.: s.n.], 1941 (Lisboa – Tip. Freitas Brito), 309 pp., pp. 25-26. O exemplar aqui referido foi visado pela Comissão de Censura.

⁸⁰ Cf. Metzner Leone, *op. cit.*, pp. 32-33.

necessárias senhas de racionamento. Mesmo assim, não hesita em descrever uma luxuriante refeição face ao que podia ser proporcionado num estado de guerra: «Eu tinha chegado a Berlim havia mais de uma semana – e não estava mais magro, nem mais fraco, nem abatido, apesar da «fome tremenda» ocasionada pelo racionamento que, ainda assim, me concedera nessa noite – lembro-me bem! – um caldo agradável, uma truta fresquíssima, e um assado magnífico de pôrco selvagem.»⁸¹. O render da guarda no monumento nacional alemão erigido em memória de todas as guerras em que a Alemanha participou, deixa-o deslumbrado – a postura dos soldados alemães: «No último degrau da escadaria que conduz à entrada estavam perfilados, rígidos, hirtos como estátuas, dois soldados alemães. E êsses dois homens que pareciam estar de guarda a um tesouro, firmes como se fossem talhados na mesma pedra do próprio edifício que guardavam, desprendiam de si uma impressão serena e profunda de fôrça e confiança.»⁸². Não será despiciendo chamar a atenção para uma espécie de contradição em que entra o autor, nessa obra que supostamente elucidaria as mentes mais simples, pois não era uma obra destinada a intelectuais, dotando-os com uma visão meramente jornalística: «operários, trabalhadores, assalariados e funcionários – que são, na sua pequenez, na sua modéstia e pelas suas qualidades, os reais obreiros do que há de perdurável e eterno no nosso Portugal. Foi para êles, para os que constituem a massa anónima na qual residem tôdas as energias, da que escrevi neste livro – que não é de política porque não ultrapassa os limites de uma reportagem, que não é da propaganda estrangeira porque é verdadeiramente sentido por um português.»⁸³. O facto de a obra ser escrita num português acessível, pode deixar entrever uma certa vertente propagandística ao querer abranger um público alargado. Ao lermos esta obra, assistimos a uma espécie de panegírico das virtudes, não dos alemães mas antes sim, dos ideais por que aqueles se norteiam, i.e., o ideal nazi. Eduardo Metzner Leone consegue explicar quase todas as questões delicadas, levando a que a imagem idílica dos nazis saia imaculada, com argumentos que quase parecem lógicos. Aponta o dedo ao estafado Tratado de Versalhes como a

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 44.

⁸² Idem, *ibidem*, p. 38.

⁸³ Idem, *ibidem*, Introdução.

consequência óbvia para os acontecimentos que se lhe seguiram, como a Revolução Nazi. A Democracia, o mal de todos os males vê-se ameaçada por um ideal de vida que constata: «Em dada altura, depois de durante anos e anos ter negado a sua própria doutrina, a Democracia olhou para a Alemanha, e observou: *«não há tuberculose sem assistência, não há sífilíticos, não há prostituição organizada, não há desempregados, não há famintos, não há analfabetos...»* Então, atónita, a Democracia verificou: *«...logo, não há. Uma casta de sujeitos endinheirados que viva sem outras preocupações que as de gozar e de prosperar à custa da miséria material e moral dos analfabetos, dos famintos, dos desempregados, da prostituição, dos sífilíticos e dos tuberculosos...»*»⁸⁴.

7.3 – Os germanófilos em Portugal

Os germanófilos são geralmente definidos por serem partidários da cultura e políticas germânicas. A germanofilia teve um papel preponderante na cena política portuguesa no período de 1936 a 1945. Num país que vivera desde sempre na órbita de influência inglesa, as manifestações germanófilas tinham sido até aqui pontuais e limitadas a uma pequena facção da elite portuguesa que, na linha de alguns intelectuais do final do século XIX, responsabilizavam a Grã-Bretanha pela decadência nacional. Para eles, a Aliança Luso-Britânica era um logro que desvirtuara o destino imperial de Portugal. A situação começa a modificar-se no início dos anos 30, quando surge, num clima de alguma indefinição quanto ao futuro da Ditadura Militar, um movimento radical de direita, o nacional-sindicalismo, encabeçado por Rolão Preto e inspirado nos regimes europeus autoritários em ascensão (nazismo alemão e, sobretudo, o fascismo italiano). Mas é em plena guerra civil de Espanha que a Alemanha nacional-socialista compreende a existência de condições para um aprofundamento das suas simpatias em Portugal. O regime nazi, pioneiro na propaganda política para o exterior, não despreza a oportunidade, num ambiente

⁸⁴ Idem, *ibidem*, Introdução.

internacional tempestuoso, de contrariar a influência britânica. Inicia então uma assertiva propaganda que visará públicos restritos, ligados à elite política, económica e cultural portuguesa. O sucesso da actividade alemã foi um facto, devendo-se em parte ao protagonismo político, interno e externo, do Governo português, durante a guerra civil. Por um lado, embora Salazar afirmasse ser a Aliança Inglesa a base de toda a sua política externa, em ambiente de forte radicalização ideológica, a política de apoio ao franquismo só tinha uma tendencial leitura: o regime precisava de um distanciamento da Aliança, concorrendo ao lado dos regimes autoritários. Por outro, o Estado Novo não parece preocupado em desfazer esta ideia. A confirmá-lo surgem os organismos paramilitares como a Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa (atente-se na saudação romana que fazem⁸⁵), réplica assumida de outros congéneres existentes na Alemanha e na Itália. A uni-los, afinal, encontrava-se uma solidariedade ideológica inequívoca: o combate ao mesmo inimigo, o comunismo. Rolão Preto protagonista de uma heresia consubstanciada pelos «camisas azuis» faz uma mímica quase decalcante do regime nazi, quer no comportamento fisionómico do Führer, quer no aparato que envolvia o regime, com a realização de comícios (os *rallies* que Joseph Goebbels tanto gostava de organizar e participar) assim como da “propaganda de adicção”. Estes nacionais-sindicalistas constituíam uma possível ameaça para o novo regime que recentemente se instituíra. Havia então que “esfriar” os ânimos de modo a que os jovens de sangue quente, aquecido pelos acontecimentos que se iam dando na Europa, particularmente na Alemanha e na Itália, não comesçassem a questionar o poder do Estado Novo, e, inerentemente a chefia do Dr. Oliveira Salazar, seguindo o exemplo germânico. Para não haver esse perigo eminente de sedição, os «camisas azuis» teriam que adaptar-se à nova realidade, integrando-se em instituições criadas pelo Estado Novo (como a Legião Portuguesa ou Mocidade Portuguesa) ou então

⁸⁵ «A nossa saudação é a dos antigos romanos. Um gesto largo, franco, sem reservas, inspirado de confiança e amizade. **Braço ao alto!** A mão estendida a indicar o caminho, não a si, egoisticamente, mas para que os outros o sigam também. **Mão aberta** que não teme a luta porque dia a dia pratica a Verdade de que dá testemunho. «Braço ao alto»: - Saudação de Paz. Antítese do «murro fechado», promessa do Ódio e da Violência», era este o significado e a justificação dada à saudação romana da Mocidade Portuguesa. Cf. *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias* / dirigida por João Medina. [Amadora]: Ediclube, D.L. 1993, 15 vols., il., vols., XV, 491 pp., p. 263, cit. in Revista dos Quadros da MP, Lisboa, Setembro/Outubro 1951.

seriam tratados como párias se criassem oposição – os seus chefes tinham um convite “irrecusável” para visitarem com carácter de permanência o país vizinho. Estava fora de cogitação, pelo menos para o líder do Estado Novo, a cedência de lugar para Rolão Preto. Rolão Preto, contagiado também por “volúpias germânicas”, era demasiado impaciente. Não era como o «[...] plácido tirano de Santa Comba [que] fora erguendo pedra por pedra, o seu edifício duradouro [...]»⁸⁶. Em Agosto de 1939, os germanófilos ficam ressentidos com a assinatura do pacto germano-soviético. Tinham-lhes esvaziado uma das principais argumentações – os alemães, último bastião do antidemocratismo e do anticomunismo que atraía também a simpatia por parte de alguns anglófilos, quebravam assim a solidariedade ideológica que tinham mantido até então. Foi um rude golpe, notado nos meios de comunicação e para a qual houve uma rápida intervenção reparadora, de modo a não comprometer totalmente a política de propaganda externa da qual haviam sido pioneiros e se haviam tanto empenhado. As justificações que são avançadas são relacionam-se com a capacidade de dividir para reinar e ceder quando é necessário. Não interessava a Hitler a sua pretensão de invadir o Ocidente se tivesse nas suas costas a Leste, um inimigo pronto a dar-lhe luta.

8 – Meios e fins da Propaganda Nazi

A Propaganda Nazi, cuja figura emblemática foi personificada na pessoa de Joseph Goebbels, não perdia uma oportunidade para se apropriar das situações e transformá-las a seu contento em poderosas armas a arremessar contras os inimigos do Reich, e não poucas vezes contra inimigos pessoais. Gobbels criou uma máquina diabólica que tinha como fito lançar mão de todos os recursos que encontrasse ao seu dispor de modo a influenciar ou persuadir a população para os objectivos que pretendia atingir. Os meios mais utilizados pela propaganda nazi foram a rádio, onde Goebbels tentou a monopolização a favor do Estado como meio de manipular os conteúdos e obter a exclusividade interpretativa dos factos. Outro dos métodos de propaganda

⁸⁶ *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias* / dirigida por João Medina. [Amadora]: Ediclube, D.L. 1993, 15 vols., il., vol. XVI, 446 pp., p. 280.

utilizada era através dos *rallies* (comícios), onde a opinião pública que deles se acercava ia sendo trabalhada. Goebbels já dispunha de uma outra ferramenta de difusão enquanto não podia proceder à monopolização dos canais de informação – falamos do seu jornal *Der Angriff*, subsidiado pelo NSDAP (Partido Nacional-Socialista Alemão do Trabalho) onde instigava à revolta – não foram poucas as vezes em que houve o perigo da sedição.

Os destinatários que a propaganda visava atingir, quer fosse ela dos Aliados, quer fosse ela do bloco do Eixo, eram as elites que se distribuía por diversos grupos com poder de decisão. O investimento, apesar de ser feito para essa faixa “estreita” de pessoas, não ficava apenas por aí – havia que convencer as massas, “ajudando-as” a “escolher” o lado onde deveriam ficar.

Foram afectados pela Propaganda Nazi, em primeiro lugar os Aliados, e, em segundo lugar, os próprios portugueses. No caso dos portugueses, muitos deles teriam que se retratar, dando-se a um mutismo militante. Outros foram mudando de opinião, à medida que se entrevia o desfecho da guerra. Mesmo com a guerra perdida para os Alemães e, por inerência, para os próprios germanófilos, continuava a vigorar a problemática que perduraria por muitos anos do perigo vermelho. Muitos encontraram aí um escape para se unirem em torno de uma coesão nacional que era necessária para a harmonia no Estado Novo. Com o tempo, foram-se diluindo as diferenças que separavam ideologicamente os adeptos de cada uma das partes beligerantes, para se voltarem a unir em torno de uma causa comum – o combate ao Comunismo.

9 – Os Aliados, a contra-propaganda e a contra-informação

Como dirá Alejandro Quintero, «Todo o fenómeno de propaganda gera inevitavelmente um de propaganda»⁸⁷. É curiosa a extrapolação que este autor faz de

⁸⁷ Cf. Alejandro Pizarroso Quintero, *História da Propaganda, Notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, [s.l.]: Planeta Editora, [copy: 1990], 447 pp., p. 22.

uma afirmação de Carl Von Clausewitz⁸⁸ em que diz o seguinte: «a propaganda de guerra será a continuação da propaganda política noutra situação»⁸⁹. A melhor arma utilizada pela contra-propaganda é a propaganda negra que consiste em falsificar uma fonte de propaganda, fazendo-se passar pelo adversário e trabalhando as mensagens de modo a dar um sentido totalmente contrário àquele que originalmente daria origem. Esta técnica, quando não é aplicada correctamente, inverte o resultado esperado.

A contra-informação ou desinformação consiste em rebater os argumentos do inimigo, impregnando-os de falsidade e subjectividade.

9.1 – A resposta dos Aliados à Propaganda Exterior

A resposta dos aliados não se fez esperar tendo sido a propaganda utilizada com grande intensidade, em especial a dos Estados Unidos. Este país tinha um problema adicional que deveria ultrapassar a breve trecho – convencer os americanos de que tinham que ajudar o velho continente, em especial o berço da sua origem – a Inglaterra. Foi necessária a “ajuda” de Pearl Harbour para convencer os americanos a participarem nesta guerra. Uma outra imagem de publicidade inolvidável foi consubstanciada pelo bombardeamento de Nagasáqui e Hiroshima; foi uma “propaganda” que perdurará quer nos japoneses quer no resto do mundo. Pelo menos foi aplicada uma das ferramentas da propaganda – a persuasão de um colectivo a uma ideia – a rendição do Japão.

⁸⁸ «Vemos, pois, que a Guerra não é somente um acto político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios.», cf. Carl Von Clausewitz, *Da Guerra*, pref. Anatole Rapoport, trad. Teresa Barros Pinto Barroso, Lisboa: p&r perspectivas & realidades, 1976, 776 pp., p. 87.

⁸⁹ Alejandro Quintero, *op. cit.*, p. 25.

Conclusão

A Propaganda pode ser uma arma muito perigosa, como se pode depreender do uso que Joseph Goebbels lhe deu. O tratamento que a propaganda tem em Portugal, através das directrizes que Oliveira Salazar dá a António Ferro, não tem comparação possível com a do Ministro da Propaganda e Integração Étnica. Apesar de se ter instituído uma polícia política, e dos abusos que esta possa ter cometido, nunca chegou ao extremo de aniquilar maciçamente milhões de seres humanos -, em primeiro lugar, porque não tinha a massa humana necessária para produzir tal contabilidade, por um lado. Por outro lado, não estava nos genes do povo português, a adesão a tais níveis de violência. Como ambas as facções pelo esforço de guerra estavam do mesmo lado no que dizia respeito ao combate aos bolchevistas e ao Comunismo, não há uma luta encarniçada por qualquer um dos lados. Há um sentimento geral de empatia para com os Aliados. Já nos meios culturais e académicos, os pontos de vista eram outros: a cultura alemã tinha o seu peso e encontrava aqui um eco maior – a propaganda distribuída em Portugal era incessante na profusão de exemplos que dava, no domínio de várias áreas do saber, mostrando até que ponto os próprios Aliados dependiam deles até à deflagração da guerra. Gostavam de realçar o que de mais podre havia na velha Aliança Luso-Britânica. Por outro lado, os Aliados mostravam a sua indignação por Portugal pactuar com a Alemanha na questão do volfrâmio. A Alemanha tinha podido apreender mais sobre a estrutura do nosso país graças aos conselhos técnico-militares, e demonstraram conhecer bem o género português -, em contrapartida, Portugal procedia paulatinamente ao seu rearmamento com material germânico⁹⁰, fornecendo em troca mantimentos, serviços e volfrâmio para a produção de armas.

A influência da Propaganda Nazi em Portugal foi determinante, fazendo com que os Aliados tivessem que se esforçar por não esmorecer o seu empenho inicial, de

⁹⁰ Esta questão foi abordada por António José Telo, na sua prova complementar para doutoramento em História Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, subordinada ao tema *Contributos para o estudo da guerra secreta e da Propaganda em Portugal*. Como obra auxiliar temos do mesmo autor *Portugal na Segunda Guerra*. Havia a questão do fornecimento de armas, dos respectivos calibres e da disponibilidade de entrega. Cf. a Bibliografia.

modo a que estes não ganhassem terreno na conquista pela “opinião”, recolhendo dividendos a montante e a jusante por parte do Governo Português. Este, concede um “empréstimo” das suas bases nos Açores, por um lado, enquanto por outro, vai negociando com os Alemães. Quanto à propaganda que passa pelos bancos das Universidades, esta influência correntes académicas, que pendem para um ou outro lado do conflito. Este pendor é no entanto refreado pelo Estado Novo, sabendo habilmente manter os Aliados e o bloco do Eixo entretidos, ficando num estado de latência que melhor permita defender os interesses pátrios. Não podemos olvidar também a influência que foi tida, a nível cultural do lado alemão, sendo comum a visita a inaugurações e exposições de ambos os lados.

A Propaganda, terá sempre um efeito nefasto, quer se trate ela de propaganda de guerra, política ou, no limite, à sua congénere publicidade, pois permite persuadir, sendo que a persuasão poderá socorrer-se de argumentos menos válidos, enveredando até pela mentira, não olhando a meios, especialmente em tempos de guerra, para atingir os seus fins.